



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**RELAÇÕES SOCIAIS NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS*
DE MILTON HATOUM**

STÉLIO NUNES ROCHA

**MANAUS-AM
2015**



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**RELAÇÕES SOCIAIS NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS*
DE MILTON HATOUM**

STÉLIO NUNES ROCHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas. Área de Concentração: A Amazônia e o Pensamento Social no Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

MANAUS-AM
2015



UFAM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA

STÉLIO NUNES ROCHA

RELAÇÕES SOCIAIS NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS*
DE MILTON HATOUM

Dissertação defendida e aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro – Orientador

Prof..... – Membro

Prof..... – Membro

DEDICATÓRIA

Com profundo afeto às três mulheres da minha vida: minha mãe, Estelita Nunes Rocha, que mesmo de longe, torce todos os dias para que eu tenha sucesso; à minha irmã Cintia Maria Nunes Rocha, uma guerreira que tem me mostrado a arte de vencer desafios, e à minha avó Maria do Carmo, que partiu deste mundo sem aprender a ler, mas nem por isso deixou de entender as artimanhas da vida e de vivenciá-la com intensidade e inteligência.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma conquista muito importante em minha vida, assim, gostaria de compartilhar essa alegria agradecendo de forma especial, primeiramente a **Deus**, que tudo permitiu;

À minha **mãe Estelita**, que sempre me deu asas para sonhar e impulso para seguir em frente;

Ao meu **pai Sebastião**, que a seu modo e jeito soube me amar e me mostrar as vias possíveis de viver melhor no mundo;

À minha **irmã Cintia**, por suas ideias, seus estímulos e sua valiosa amizade;

À minha querida e inesquecível **avó Maria do Carmo**, pelo exemplo de fé na vida;

À minha irmã postiça **Ida Maria de Fátima**, em cujo olhar direcionado a minha pessoa estava sempre escrito: *Não desista!*

Ao **Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro**, por ter disponibilizado seu precioso tempo, me instruindo. Obrigado, Mestre, por sua gentil orientação nesta caminhada no difícil e complexo mundo da pesquisa e por ter me dando uns “solavancos” vez ou outra – Benditas sejam suas críticas, que me levaram sempre para o melhor caminho!

Às colegas de mestrado, **Diana, Cláudia, Alice, Michelle**, por suas colaborações intelectuais;

Com apreço à **Marluce**, a gentil Secretária do Mestrado de Sociologia, que sempre me atendeu pronta e educadamente.

A minha velha amiga **Maria Goreth**, pelas valiosas opiniões que valeram muito para o estudo seguir adiante.

Difícilmente este trabalho poderia ter sido realizado, se não houvesse essas ajudas e os saberes vindo de todas essas pessoas.

A todo, o meu muito obrigado!

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.

(Cora Coralina)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral analisar as peculiaridades relevantes das relações sociais da família libanesa da obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, apontando aspectos significativos dos personagens, e de suas relações familiares. Tratou-se de um estudo descritivo e bibliográfico, concebido a partir das vertentes teóricas de vários autores que escreveram sobre o assunto. Os resultados apresentando permitem concluir que na obra *Dois Irmãos*, Hatoum traça um perfil da família libanesa, despidendo-a de qualquer conceito preconcebido, com seus personagens emergindo como figuras singulares com seus desassossegos e sob o peso do eterno conflito familiar envolvendo intrigas, inveja, ódio, vingança, disputas entre irmãos, e em meio a trama que se desdobra em pedaços de memórias do narrador que ora revela o que viu, ora relata o que ouviu, o livro vai mostrando também fragmentos de Manaus que, sem a prosperidade do ciclo da borracha, oferece com gratidão seus espaços quase desabitados aos estrangeiros que por aqui chegam sem esquecer suas raízes e sem estranhar com alarde o habitante nativo que carrega tradições que desassemelham-se das suas. Assim pode-se dizer que Milton Hatoum, em sua obra, vai traçando os percursos históricos e sociais do emigrante, ao mesmo tempo que oferece um convite para se lançar um olhar sobre a Amazônia.

Palavras-chave: *Dois Irmãos*. Família libanesa. Relações sociais. Cidade de Manaus.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the peculiarities of the relevant social relations of the Lebanese family works *Two Brothers* Milton Hatoum, pointing significant aspects of the characters, and their family relationships. This was a descriptive and bibliographical study, designed from the theoretical aspects of various writers on the subject. The results presented support the conclusion that the work *Two Brothers*, Hatoum traces a Lebanese family profile, stripping it of any preconceived concept, with their characters emerging as unique figures with their unrest and under the weight of the eternal family conflict involving intrigue, envy, hatred, revenge, disputes between siblings, and amid plot that unfolds in pieces of the narrator's memories that sometimes it revealed what he saw, now reports what he heard, the book will also show Manaus fragments that without prosperity cycle rubber, gratefully offers its nearly uninhabited areas to foreigners who arrive here without forgetting its roots and no wonder with alarm the native inhabitant who carries traditions *desassemelham* up from his. So it can be said that Milton Hatoum in his work, will tracing the historical and social paths of migrant at the same time offering an invitation to have a look at the Amazon.

Keywords: *Two Brothers*. Lebanese family. Social relationship. City of Manaus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A OBRA LITERÁRIA SOB A VISÃO SOCIOLÓGICA	17
1.1 Literatura e sociedade: conexões entre fatos sociais e criação literária ...	17
1.2 Sociedade e Letras na Amazônia	31
2 MANAUS: PERCURSOS SOCIOLÓGICOS PARA A OBRA DOIS IRMÃOS	45
2.1 Apogeu, declínio e as tentativas de mudanças da cidade de Manaus	47
2.2 O painel da nova vivência e da cultura dos imigrantes libaneses.....	57
2.2.1 A chegada e o desafio da adaptação	57
2.2.2 A família no contexto social do Brasil e a perspectiva dos imigrantes....	63
3 MILTON HATOUM: O CRONISTA DE <i>DOIS IRMÃOS</i>	73
3.1 Olhar reflexivo sobre a vida de Milton Hatoum e das singularidades de suas obras	74
3.2 O livro <i>Dois Irmãos</i> – Um passeio pelas relações familiares e sociais ...	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

“Procurar a palavra mais rica, mais sutil e precisa para iniciar uma dissertação é perseguir algo que escapa à expressão. As palavras se esquivam de tal maneira que precisamos travar um verdadeiro embate com a língua”.

(Odenei de Souza Ribeiro).

A vida me possibilitou a chance de escrever esta dissertação. Não foi uma missão fácil, uma vez que o estudo surgiu da intenção deste pesquisador de adentrar pelos preâmbulos complexos que envolvem a sociologia da literatura, tendo como ponto de partida a obra *Dois Irmãos de Milton Hatoum*.

. Mas, ao final da jornada, todos os esforços valeram a pena, porque tive o privilégio de percorrer pelos caminhos que levam ao surpreendente mundo literário de Milton Hatoum, um escritor que segundo Holanda (2007) apareceu no cenário da literatura brasileira como figura emblemática, mas que na atualidade contribui de forma decisiva para inovar no âmbito da linguagem literária, proporcionando uma leitura do drama humano nos trópicos úmidos (o lugar do migrante, dos índios), uma interpretação dos encontros e desencontros de uma sociedade que se modernizava calcinando as raízes dos diversos grupos sociais que a constituem.

É sabido que a literatura mantém estreita ligação com a sociedade e desta absorve e expressa os contextos sociais, pondo em evidência as variações e as mudanças que vão se processando no decorrer do tempo em determinado país ou cidade.

Nas ponderações de Schwarz (2000), a gravitação cotidiana das ideias e das perspectivas práticas é a matéria imediata e natural da literatura, desde o momento em que as formas fixas tenham perdido a sua vigência para as artes. Portanto, é o ponto de partida também do romance.

Assim, para Schwarz (2000), o que o escritor descreve é a feição exata daquilo que a História mundial revela na forma estruturada e cifrada de seus resultados locais e que é passada para dentro da escrita.

A propósito disso, Legros et al. (2007, p. 20) lembra que a consciência do homem é carregada de elementos díspares, colorida por toques desconcertantes no interior dos quais os sentimentos, as inquietudes e as esperas ocupam um lugar considerável. “A arborescência inconsciente de cada pessoa é irrigada por sua biografia, mas o lençol freático no qual ela se nutre é escavado sob o fardo das sedimentações culturais e da história”, assinala o autor.

Neste sentido, as obras de artes e as obras literárias expõem os sentimentos profundos da cultura, permitindo, desta forma, a compreensão do ambiente social no qual foi produzida.

A literatura, particularmente, alguma forma capta o espírito do tempo em sua tessitura. Semelhante às demais manifestações artísticas, a literatura é uma forma de expressão do mundo, sua transfiguração e estética, mediatizada pelo drama particular do escritor, expressão universal da história em suas feições particulares.

Nas premissas de Lukács (2000, p. 91), o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade. Seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma. Dessa maneira, o romancista, com a ação do texto consegue a unidade do individual e do essencial, gerando figuras que “são elevadas a um nível de paixão tão alto que nelas se manifesta o conflito interno de um momento essencial da sociedade”.

Para Cândido (2000) a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto, afirma o autor, só se torna possível graças a uma redução

ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo.

Cândido (2000) deixa claro este aspecto em face da realidade, considera importante se investigar o sentido que uma obra adquire como elaboração estética de um problema fundamental, que é o ajustamento ao meio físico para a sobrevivência do grupo, fenômeno básico em toda sociedade humana.

A partir deste âmbito, a literatura surge como algo que só a análise sociológica é capaz de interpretar convenientemente, havendo deste modo a necessidade do sociólogo captar as estruturas significantes existentes entre Sociologia e Literatura.

Como observa Goldmann (1976, p. 172), embora exista entre os pontos de vista do sociólogo e do escritor uma diferença análoga à que existe entre o ponto de vista do corredor ou do atleta e o do psicólogo que estuda a estrutura psíquica, não deixa de ser verdade que os dois critérios podem ser complementares. “Felizmente, acontece muitas vezes as duas perspectivas complementarem-se e elucidarem-se mutuamente”, enfatiza o autor.

Dando um parecer sobre o assunto, Ianni (1997) assinala que a narrativa sociológica ressoa na literária, e a literatura ressoa na sociologia, sendo provável que as convergências, ressonâncias e contemporaneidades revelem o clima cultural em que se dá a elaboração da trama, porque as circunstâncias de vida do indivíduo, sua vivência psíquica, social e cultural, de algum modo atravessam a sua obra e servem de inspiração ou recursos imagéticos.

Nas premissas de Lima (2002) é possível encontrar na literatura as questões mais relevantes da abordagem sociológica, uma vez que os verdadeiros sujeitos da criação cultural são os grupos sociais.

Neste sentido, pode-se perceber que aspectos sociológicos têm ocupado espaço importante nas obras literárias brasileira, em seus arranjos sociais, afetivos, nos seus recortes cronológicos, de gênero, de classe social, de nacionalidade, assumindo funções e papéis distintos.

Inserir-se neste contexto Milton Hatoum, escritor nascido em Manaus em cujas obras destacam-se o lugar social da literatura, como uma teia de relações fabricadas em comum por índios, nativos e imigrantes, que se fazem sempre presentes em seus escritos e onde há todo um aproveitamento da complexa rede multicultural amazônica. Com as raízes orientais de Hatoum pôde-se vê florescer em Manaus um mundo surpreendente de narrar e descrever a vida ordinária tecida com o drama voraz do cotidiano amazônico.

De acordo com as análises de Cristo (2007), os narradores presentes na obra de Hatoum deambulam por fronteiras, constroem suas narrativas por meio de fragmentos, de restos, vagam na tentativa de reencontrar a identidade perdida em meio aos dramas do cotidiano.

A alteridade e a diferença, afirma a autora, são abordadas no contexto da convivência de múltiplas culturas, sobretudo o encontro de libaneses e população nativa, estes depositária de elementos culturais indígenas e europeus.

Com efeito, a cidade de Manaus, sempre presente nas obras de Milton Hatoum, surge como uma espécie de personagem, rodeadas por outros personagens com características sociais, psicológicas, físicas, idiossincrásicas semelhantes, cujo enredo tem como pano de fundo, tramas que retratam a história,

a geografia e as relações sociais do cotidiano amazônico, permeados de conflitos familiares, como é o caso da obra *Dois Irmãos*, que mostra a história de uma família libanesa matriarcal, com mãe dominadora e conflitos entre irmãos (OLIVEIRA, 2013).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar contornos relevantes das relações sociais da família libanesa da obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, apontando aspectos significativos dos personagens, e de suas relações familiares.

Para o alcance deste objetivo, elaborou-se os seguintes objetivos específicos:

- Examinar as concepções que se tem apresentado sobre a literatura e sociedade, inferindo sobre as obras literárias e suas relações com a realidade social, priorizando um enfoque sobre os ambientes amazônicos;

- Discorrer sobre a cidade de Manaus, centrando análise no apogeu e declínio do ciclo da borracha, mostrando suas consequências econômicas e sociais;

- Expor informações a respeito dos imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Amazonas no começo do século vinte e se estabeleceram na cidade de Manaus;

- Sondar a obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, focalizando nela aspectos importantes dos personagens e de suas relações sociais e familiares.

É sabido que a família, inserida nas mais diversas configurações de convivência humana, sempre teve papel de destaque na organização do sistema social.

Contextualizando a questão Mata (2015) comenta que a família, resguardada sob o manto de segredos, é matéria de fundamental importância para a literatura, desde o surgimento do romance no século XVIII.

Neste sentido, sendo importantes para os arranjos das tramas e para a construção das personagens de muitas narrativas do ontem e do hoje, as relações familiares merecem um olhar atento dos pesquisadores da literatura e dos sociólogos, porque o termo família tem sob seu escopo muitos distintos arranjos sociais e afetivos nos seus recortes cronológicos, de gênero, de classe social, de nacionalidade (MATA, 2015).

Na obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, o grupo familiar ocupa papel privilegiado, com a narrativa se girando em torno de uma família libanesa, movidas por tradições e pela tensa procura de solução aos inúmeros conflitos domésticos, tendo como cenário a cidade de Manaus, centro simbólico, espaço ao mesmo tempo ficcional e realista onde se desenrola os dramas dos personagens do livro, uma cidade que sofre lentamente processo de decadência, procurando reencontrar seu lugar, sua identidade na organização social do país.

Na obra *Dois Irmãos*, percebe-se também que há algo maior que o homem e a cidade: as relações socioculturais criados por eles, e a estrutura que suporta este espaço é teia de relações fabricada em comum por índios e imigrantes¹, que expandem o núcleo familiar na narrativa, como Nael, o filho bastardo, narrador astucioso dos acontecimentos que se desenrolam na família; a índia Domingas, sua mãe, que cresce nos fundos da casa, perto do muro de madeira como símbolo da ausência de liberdade; os mascates libaneses que se misturam aos povos da região à beira do rio; a própria casa do casal Halim e Zana, que funciona como ponto de encontro onde pessoas se reúnem para as festas, os jantares e outras atividades.

¹ A família de imigrantes mistura-se aos mascates da beira do rio e ao resto de gente que se emaranhava pelas casas, criando outra noção de gênero familiar na narrativa, uma organização que lembra a estrutura utilizada pelos índios em suas malocas: uma casa muito grande, um mastro no meio e redes e dormir atadas a ele. Do tronco central, as redes se espalham lembrando as hastes de um guarda-sol aberto, virado de ponta-cabeça [...] A família de Halim e Zana inspira tal representação na memória: a do esteio que sustenta; o mastro da cumeeira (GUERRA, 2007).

Quanto à metodologia do estudo, no que se refere ao método, fez-se do Método Dialético, que na pesquisa, segundo Wachwicz (2001) tem como ponto de partida a análise crítica do objeto a ser pesquisado, o que significa encontrar as determinações que o fazem ser o que é.

Tais determinações esclarece a autora citada, têm que ser tomadas pelas suas relações, pois a compreensão do objeto deverá contar com a totalidade do processo, na linha da intencionalidade do estudo, que é estabelecer as bases teóricas para sua transformação.

Em síntese, o método dialético, como frisam Diniz e Silva (2008) é uma possibilidade de caminho na construção do saber científico no campo das ciências humanas. Em outros termos, é uma trajetória percorrida pelo pesquisador na busca de novos conhecimentos.

No caso específico desta investigação tem-se como ponto de partida a análise dos contornos relevantes das relações sociais da família libanesa da obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, e os aspectos significativos dos personagens, e de suas relações familiares.

No que se refere aos procedimentos metodológicos tratou-se de um estudo descritivo, uma vez que analisou as relações sociais da família libanesa da obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, e os aspectos significativos dos personagens, e de suas relações familiares.

Segundo Lakatos e Marconi (2004), a pesquisa descritiva expõe característica de determinada população ou determinado fenômeno, constituindo-se, ainda em um trabalho de observação, registro, análise, classificação e interpretação dos fatos coletados.

Tratou-se também de um estudo bibliográfico por incorporar teorias, conceitos e ideias de vários autores que escreveram sobre o assunto. Segundo Michel (2005) estudos bibliográficos refere-se a trabalhos sistematizados feitos com base em publicações diversas, permitindo ao pesquisador uma gama de informações sobre o fenômeno pesquisado, principalmente quando os dados estão dispersos.

Nas premissas de Demo (2000), o conhecimento teórico acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada e capacidade explicativa.

A amostra do presente estudo foi composta por livros e artigos publicados na internet, e pesquisados nas bases de dados da Scielo e Lilacs, no período compreendido entre janeiro a outubro de 2015, na língua portuguesa utilizando-se os descritores “Sociologia e Literatura”, “Literatura amazônica”, “Ciclo da borracha na cidade de Manaus”, “As migrações para a região amazônica”, “A cultura libanesa na cidade de Manaus”, “Milton Hatoum: biografia e obras”; “A obra Dois Irmãos”.

No levantamento das fontes bibliográficas fez-se, primeiramente, a busca dos artigos nas bases de dados anteriormente citadas, de forma aleatória. Em seguida realizou-se a seleção e a análise dos textos, separando-os por títulos. Na sequência, os artigos foram organizados e identificados por ano de publicação, idioma, fonte de dados, tipo de estudo, objetivo da pesquisa e credenciais dos autores., separando-se os que serviram como fontes para o estudo.

Quanto à estrutura do trabalho, os capítulos seguintes, que tornarão claras estas e outras ideias que se pretende submeter à análise neste estudo, foram assim construídos:

Capítulo 1 – Revisa as principais concepções que se tem apresentado sobre literatura e sociedade, destacando aspectos relevantes acerca dos discursos que permitem a compreensão das obras literárias em relação à realidade social, em seus contextos culturais e espaciais, mostrando na sequência alguns aspectos das complexidades dos ambientes amazônicos sobre os quais muitos escritores se debruçaram tentando compreender, assimilar e exprimir em suas obras.

Capítulo 2 – Traça um panorama da cidade de Manaus, mostrando primeiramente o apogeu do ciclo da borracha que vestiu Manaus de luxo, que gerou uma sociedade embebedada pelos costumes europeus, que transformou suas ruas acanhadas em avenidas largas, iluminadas pela luz elétrica e ladeadas de palacetes, e que com a derrocada, a premiou com a decadência, silenciando e esvaziando seus espaços. Expõe-se também, nesta parte do estudo, informações sobre a vinda dos imigrantes, trazendo para a cidade de Manaus suas tradições e culturas, e uma análise sobre a formação da família brasileira e libanesa.

Capítulo 3 – Faz-se análise concisa do romance *Dois Irmãos*, e sobre o autor, mostrando ângulos significativos da vida de Milton Hatoum e sintetizando as singularidade de suas obras, fazendo uma apreciação sintetizada do livro *Dois Irmãos*, desvelando o papel de cada um no romance.

Finalmente a conclusão, que busca pensar as relações entre conteúdos das partes como tentativa de resposta aos objetivos formulados.

1. A OBRA LITERÁRIA SOB A VISÃO SOCIOLÓGICA

A complexidade das questões relativas às relações entre literatura e sociedade, e como a teoria e a crítica literárias as entendem, afigura-se como uma justificativa possível para o trabalho do pesquisador interessado em compreender quais as especificidades da representação do fato social pela literatura

(Miguel L. Araújo Neto).

A leitura e a análise de obras literárias pela perspectiva da crítica sociológica permitem conhecer a maneira como as concepções de mundo se apresentam na composição da obra, possibilitando esclarecimento sobre as funções que o objeto literário cumpre, sua configuração enquanto instrumento de compreensão da realidade social ou de renovação do conhecido na qual está imersa.

No dizer de Holanda (2007, p. 337) a literatura dá conta de imagens e percepções que circulam e alimentam a imensa aventura do imaginário humano, pejado de ressonâncias coletivas, em uma geopolítica de incessante criatividade que escapa ao mapeamento do poder. “Textos são como as grandes estrelas-guia, norteadores, por sua força de atração, da direção de uma cultura”, sintetiza.

Esta primeira parte do estudo revisa algumas concepções que se tem apresentado sobre a literatura e a sociedade, frisando aspectos relevantes acerca dos discursos que permitem a compreensão das obras literárias em relação à realidade social, em seus contextos culturais e espaciais.

1.1 Literatura e sociedade: conexões entre fatos sociais e criação literária

Em um contexto onde a Sociologia é identificada como saber capaz de amparar e dar validade aos outros saberes, afirma Velloso (1988), a literatura passa

necessariamente para sua órbita de influência e é redimensionada, passando a ser a 'voz da nação', espécie de oráculo, capaz de revelar 'verdades essenciais da história de um país. Nas palavras da autora:

Enquanto revelação da nacionalidade, à literatura cabe a missão de retratar o país, sendo o seu documento fiel e translúcido. Ele deve ater-se, portanto, à descrição da terra e do homem, cortando definitivamente seus vínculos com a ficção. Essa ruptura com a ficção implica um compromisso cada vez mais forte com a objetividade (VELLOSO, 1988, p. 258).

Neste nível de reflexão Taine (apud CASTAGNINO, 1968), em sua determinação de explicar a produção da obra artística, dá ao social que nela se faz presente, grande preponderância, a ponto de sustentar que toda obra está condicionada por um conjunto de fatores que resultam do estado geral do espírito e dos costumes circunstantes, porque toda sociedade encontra-se localizada em um determinado tempo e lugar, e contando com um conglomerado humano nos quais se reflete de forma previsível e inevitavelmente.

Estas considerações mostram que a literatura possui ligação significativa com a sociedade, uma vez que cabe a ela expressar determinado contexto social, pondo em evidência as variações e as mudanças que vão se processando no decorrer do tempo, em dada sociedade, país ou nação.

Exemplo disso é quando o romantismo surge na Literatura, marcado por acontecimentos históricos como as Revoluções Industriais, momento esse em que a vida social encontrava-se dividida entre a burguesia industrial e o surgimento da classe operária, o proletariado.

Nesse momento, afirmam Lajolo e Zilberman (1991), do ponto de vista sociológico, a literária romântica, rompendo com a tradição clássica, passa a ligar-se intimamente à burguesa, uma vez que esta concretiza-se no interior de uma prática social específica de leitura e de escrita de uma dada sociedade formada pelos

moldes burgueses, em decorrência da modernidade, que é uma conseqüência do sistema capitalista.

Assim sendo, para estas autoras, a literatura se mostra possuidora de duas características que a tornam significativa: representa a sociedade, tematizando seu processo de produção artística e estética (característica interna), e possui textos que se abrem para um contexto diverso e cultural, inserido no interior da obra (característica externa).

Nesta perspectiva, pode-se dizer que uma das vias para se compreender a produção literária é realizar a combinação entre a análise externalista com a internalista da obra, procedimento que para Candido (2000) resulta em uma apreensão mais fidedigna da obra literária.

Essa observação metodológica de Candido (2000) remete as formulações de Lima (2002), Bourdieu (1996) e Skinner (2000), que oferecem em seus escritos contribuições fundamentais para a compreensão da lógica interna das condições sociais na qual a obra emerge, estabelecendo os nexos entre trajetória de vida do autor e as condições sociais na qual emerge a obra.

Partindo desse pressuposto teórico a produção literária de uma maneira geral, expõe “a *feição exata* com que a história mundial, na forma estruturada e cifrada de seus resultados locais (vivência particular), sempre repostos, passa para dentro da escrita, em que agora influi pela via interna [...]” (SCHWARZ, 2000).

Este argumento assinala uma leitura possível da produção literária e abre caminho para diversas averiguações teóricas e científicas do processo de criação/produção literária e artística. A atmosfera histórica local só adquire sentido por meio de uma conexão com os processos históricos universais, posto que as

redes de relações sociais ordinárias atam à singularidade as variações temporais particulares do universal (LUKÁCS, 2002).

No âmbito das interpretações e narrativas do Brasil, enquanto nação feita primordialmente de espaços, as argumentações de Leitão Júnior (2012), mostram que as proposições dos pensadores sociais e dos literatos ganharam grande vulto, buscando o País dentro de seus limites internos por meio de textos que versam sobre a sociogênese nacional, a partir da visão das porções territoriais descritas nos conteúdos humanos e fisiográficos das obras literárias, como espaços de Sertão, Litoral e Amazônico.

A produção cultural adquiriu desde o século XIX uma relativa autonomia, em outros termos, certos artistas das letras e mesmo da pintura passaram a produzir suas obras a partir da lógica de um mercado de bens simbólicos em formação, abrindo-se uma nova perspectiva para a reflexão sobre a produção literária e cultural de modo geral. Buscando formas de expressão livres, e padrões tradicionais de produção, alguns escritores acabaram inaugurando um novo processo de escrever e produzir suas obras.

Ainda que, possivelmente, se possa presenciar um ideário relacionado a resistência à análises sociológicas da literatura, verifica-se ao longo do século XX o surgimento de um conjunto de intelectuais que se dispuseram a enfrentar o desafio de uma análise sociológica da literatura, podendo-se citar:

- Lukács, que conseguiu reverter uma situação comum entre os estudiosos, ao considerar a obra literária como um reflexo da realidade social, procurando sempre uma correlação entre a obra e o conteúdo da consciência coletiva. Para este autor, a correlação não se dá mais no plano do conteúdo, mas na forma da

correspondência entre as categorias que estruturam a criação literária e a consciência coletiva (FREDERICO, 2005).

- Goldmann, que segundo Frederico (2005) considera que o objetivo de uma sociologia da literatura é a busca das homologias, o estudo das estruturas significativas presentes nos grupos sociais – o substrato social que confere unidade à obra literária. Este estudioso procurou transpor para a literatura dois movimentos: o estudo da estrutura significativa imanente da obra (o estudo da compreensão) e a explicação. Seus textos, contudo, concentra-se quase que exclusivamente no segundo momento, ou seja, o momento da explicação. Suas incursões na vida literária e cultural procuraram oferecer um mapeamento das visões de mundo e dos grupos sociais que as estruturaram. Suas obras, portanto, trazem um mapeamento detalhado das classes sociais e de suas visões do mundo expressas nas criações filosóficas e literárias do século XVII.

- Bourdieu, que em vez de mirar as mediações modeladoras da individualidade singular do escritor, dá amostra de estar mais interessado em explorar os fatores incidentes sobre as práticas de todo escritor, que derivam da operação do sistema mais inclusivo de relações e de posições, designado como campo intelectual. Uma expressão que se converteu em palavra-chave da sociologia dos sistemas simbólicos à *la Bourdieu* é o anunciado, preñado de significações, capaz de nomear, na íntegra, o território de condições e práticas inerentes ao objeto sociológico por excelência de uma nova teoria do social (FREDERICO, 2005; MICELI, 2003).

Araújo Neto (2007), por sua vez ressalta a contribuição de outros pensadores para a ampliação do campo metodológico da sociologia da literatura como Theodor Adorno, Arnold Hauser e Jean-Paul Sartre que, ainda que cercados de divergências

demonstraram a possibilidade de se investigar as relações entre literatura e sociedade, delimitando campos específicos de pesquisas e dando a sociologia da literatura uma ampliação de perspectivas investigativas tão diversificadas quanto as da Sociologia pura.

Em suma, a literatura, como afirmam os diversos pensadores que se debruçaram sobre o assunto, revela certas características dos grupos sociais cujas visões de mundo são constituídas pelas suas vivências históricas.

Nos dizeres de Hatoum (FREY, 2013, p. 3):

Nos meus livros, tem alguma coisa da minha vida, mas ninguém reconhece, nem a minha família. Alguma coisa de mim existe nos personagens, em alguns episódios da trama, mas tudo é muito bem trabalhado. Porque escrevo sobre o passado. A literatura é nossa memória transfigurada pelo tempo.

O conjunto dessas formulações teóricas assinala uma via de investigação sugestiva para se estudar o processo de produção social da obra *“Dois irmãos”* de Milton Hatoum. De acordo com Cristo (2000), a opção de Hatoum é pelo relato memorialista, que aparece como uma estratégia narrativa própria para exprimir impasses da representação pelos personagens atravessados por diferentes referenciais culturais.

Por meio da personagem-narradora, esclarece Cristo (2000), pode-se perceber nas obras de Hatoum uma ênfase na recomposição das memórias familiares, tentativa de reavivar um passado coletivo.

Nos relatos de Cristo (2000, p. 43):

Na escrita de Milton Hatoum está presente o modo exuberante de narrar, o predomínio de uma linguagem que revela o gosto pelo ornamento da palavra. Repleta de alusões sonoras, visuais e olfativas, cujos volteios e digressões ensejam momentos extremamente líricos, o movimento dessa linguagem-ornamento lembra os próprios arabescos árabes, tributária que é do modo oriental de narrar.

Sob este ponto de vista, a escrita de Milton Hatoum, que investe na narrativa memorialista, cria um 'vaivém de vozes' também no seu romance *Dois Irmãos*, onde parece haver algo maior que o homem e a cidade: o espaço sociocultural criado por eles e a estrutura que o suporta, que é a teia de relações fabricadas em comum por índios, nativos e imigrantes, que se misturam aos mascates da beira do rio e os demais vultos que se associam, criando outra noção de gênero familiar na narrativa, tendo personagens como Nael, o filho bastardo, que é o garoto de recado, o abelhudo que narra com astúcia às brigas da vizinhança; Domingas, a índia adotada, que cresce nos fundos da casa, perto do muro de madeira, símbolo arquitetônico da falta de liberdade, que aparece sitiada pelos estigmas do processo violento de incorporação dos índios e da dinâmica sociedade (CRISTO, 2000).

Hatoum, portanto, monta no livro *Dois Irmãos* (por meio da saga de uma família de emigrantes), o cenário para retratar um caldeirão fervente de referências e imagens, de raízes antagônicas, que aproximam culturas distantes em um jogo complexo que envolve assimilação, rejeição e choque, revelando, na mesma medida, a inexorabilidade da reconstrução contextual (PINTO JR., 2010).

Sobre isso Cândido (2000,) comenta que a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Deste ângulo primário, a literatura aparecerá como algo que só a análise sociológica é capaz de interpretar convenientemente, pois somente ela pode mostrar que o sentimento estético pode ser determinado por fatores diferentes dos que os condicionam entre as pessoas, ligando-as aos meios de vida, à organização social, às normas, valores e tradições.

Nas premissas de Castagnino (1968), ainda que sem querer, a literatura, sendo ficção, artifício, transforma-se em documento e acaba sendo a mais social das artes. Nos dizeres do autor:

Em si, já é instituição social, até pelo fato de valer-se, como meio expressivo, da linguagem, instrumento social por natureza. Além disso, toma como fonte temática a vida enquanto fato social; os personagens que cria, como o faz o autor, constituem membros equivalentes de equivalentes sociedade. O criador se dirige com sua obra, à sociedade (CASTAGNINO, 1968, p. 71).

É dentro deste plano que, segundo Lima (2002), se pode encontrar as questões mais relevantes da abordagem sociológica, uma vez que os verdadeiros sujeitos da criação cultural são os grupos sociais e caberá ao sociólogo da literatura estabelecer a homologia do grupo a que pertence o autor e o pensamento formulado por sua obra.

Baseando-se ainda na análise de Lima (2002), verifica-se uma condição a ser considerada nas questões envolvendo sociologia e literatura: ambas estudam as condições pelas quais opera-se a transformação do fato literário em fato social.

A leitura e a análise de obras literárias pela perspectiva da crítica sociológica permitem conhecer a maneira como as concepções de mundo se apresentam na composição da obra, possibilitando esclarecimento sobre as funções que o objeto literário cumpre sua configuração enquanto instrumento de integração ou de renovação do conhecido, do que é valorizado e do que é marginalizado. (CONRADO, 2006).

Não é sem sentido que para Bourdieu (1996, p. 14):

Se a atenção ao sensível convém perfeitamente quando se aplica ao texto, leva a deixar escapar o essencial quando se refere ao mundo social no qual ele é produzido. O esforço para devolver a vida aos autores e ao seu meio poderia ser de um sociólogo, e não faltam análises da arte e da literatura que se atribuem como fim reconstruir uma “realidade” social suscetível de ser apreendida no visível, no sensível e no concreto da existência cotidiana.

Partindo das premissas cima, Bourdieu (1996) afirma que o sociólogo, que também é o escritor de sua 'realidade', não se deve deixar seduzir ou envolver pelos dados da experiência imediata sensível, cabendo-lhe, por meio da busca na verdade, construir um sistema de relações inteligíveis capazes de explicar esses mesmos dados sensíveis.

[...] É por isso que análise científica, quando é capaz de trazer à luz, que torna a obra de arte *necessária*, ou seja, a fórmula formadora, o princípio gerador, a razão de ser, fornece à experiência artística, e ao prazer que a acompanha, sua melhor justificação, seu mais rico alimento. Através dela, o amor sensível pela obra pode realizar-se em uma espécie de *amor intellectualis rei*, assimilação do objeto ao sujeito e imersão do sujeito no objeto, submissão ativa à necessidade do singular do objeto literário (que, em mais de um caso, é ele próprio o produto de semelhante submissão) (BOURDIEU, 1996, p. 15).

Pode-se afirmar que Bourdieu, insere em seu diversificado projeto sociológico um novo item direcionado à análise a qual ele denominou as regras da arte. Com esse feito, ele contribuiu para o enriquecimento da discussão acerca de uma prática que distingue o homem: a figuração simbólica do real.

Objetivamente com o campo literário Bourdieu objetiva elevar o status da hermenêutica da Sociologia, mostrando as novas possibilidades de construção de conhecimento sociológico em searas antes inimagináveis.

A sociologia da literatura quando associada à crítica literária pode permitir diversas análises possíveis. Analisando-se os romances pode-se encontrar diversos trabalhos sobre esse objeto (a sociologia), e percebe-se por parte de alguns estudiosos o aceite de uma visão sociológica da própria estruturação dos gêneros literários.

Nas análises de Cândido (2000) a discussão acerca da interface entre Sociologia e Literatura percorre um caminho de tentativa de compreensão dos fatores externos e internos de uma obra literária. Dessa forma alega o autor:

O perigo, tanto na sociologia quanto na crítica, está em que o pendor pela análise oblitere a verdade básica, Isto é, que a precedência lógica e empírica pertence ao todo, embora apreendido por uma referência constante à função das partes. O outro perigo é que a preocupação do estudioso com a integridade e a autonomia da obra exacerbe, além dos limites cabíveis, o senso da função interna dos elementos, em detrimento dos aspectos históricos, - dimensão essencial para apreender o sentido do objeto estudado (CÂNDIDO, 2000, p.9).

Nesta perspectiva, Goldmann (1976), procurando mostrar a importância do aspecto sociológico na criação de uma obra, entende que de certa forma, o processo de criação literária passa por um domínio coletivo, que pode ser entendido como a visão de mundo que se estabelece em um grupo ou classe de determinada sociedade, tendo um cunho social e ideológico, que são importante elemento sociológico utilizado para explicar a estrutura da obra e o teor das ideias.

Para Cândido (2000), um primeiro tipo que procurou correlacionar o conjunto de uma literatura consistindo num esforço de discernimento de uma ordem geral que facilitasse o entendimento das sequências históricas e traçasse o panorama das épocas, que foi conhecido como método tradicional tem sua expressão maior no século XVIII, onde ficou conhecido pelos estudos de Taine e no Brasil pelos estudos de Sílvio Romero.

Seu ponto negativo foi o de não conseguir vincular as condições sociais e as obras, desenvolvendo tão-somente um trabalho de enumerar os fatores, analisar as condições, políticas, econômicas, entre outras coisas, e em seguida, de forma paralela, falar das obras segundo intuições muitas vezes preconceituosas, não

havendo de fato uma análise capaz de vincular os dois momentos, ou seja, as condições sociais e obras.

O segundo tipo com um teor um pouco mais sociológico que o primeiro, seria o tipo formado por estudos que procuravam verificar a medida em que as obras espelhavam ou representavam a sociedade. Essa era a modalidade mais simples e mais comum, constituindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro.

Um terceiro tipo e talvez o mais sociológico de fato, consistia no estudo da relação entre a obra e o público, ou seja, seu destino, sua aceitação, a ação recíproca de ambos. Ainda dentro do contexto sociológico, temos o quarto tipo – este consistindo em estudar a posição e a função social do escritor, nesse quarto tipo é que se assemelha essa pesquisa, pois procura-se relacionar a posição do autor com a natureza de sua obra e ambas com a organização da sociedade.

É um esforço desta pesquisa, encontrar as correlações entre o autor, sua produção, sua experiência dentro e fora de determinada sociedade que ele descreve no enredo de sua obra, e a relação dessa produção do ponto de vista mais cosmopolita possível.

Há um desdobramento desse quarto tipo, em um quinto tipo, que investiga a função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado.

Há finalmente um sexto tipo, que volta-se para a investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, ou de alguns gêneros específicos.

Todo esse movimento por fim de tipos de análises mostra que em todos eles o ponto comum é o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, levando em consideração as influências do meio para a sua elaboração quanto a sua função na sociedade.

No trabalho de Lima (2002), também se pode observar a relação entre o social e a produção literária, quando o autor discorre sobre a análise sociológica voltada para a área do discurso e associa essa leitura de discurso a um caráter bem mais abrangente, como a interpretação de certa sociedade, indicando como exemplos desse tipo de análise pensadores como Bielinski, Tchernichevski, Dobroliubov, Pisarev e Pletkhanov, observando nessas produções um traço forte da presença de uma ética-política de transformação da sociedade russa.

No mesmo sentido, o autor faz uma reflexão sobre as vantagens e desvantagens da análise sociológica da literatura, que corre o risco de cair em um engessamento teórico, fazendo o analista enxergar apenas o que a sua base teórica o faça ver, ou mesmo somente o que ele quer ver. Portanto, é necessário que o analista consiga estar aberto a uma análise a partir de produtos culturais mais amplos, buscando uma melhor articulação das teorias sobre o discurso literário com o alicerce social, a classe, o grupo, o coletivo em que foram concebidas.

Do ponto de vista de Lima (2002), enquanto a sociologia da literatura tenta externar as condições sociais para a construção de determinado discurso literário, a crítica sociológica do discurso literário tenta estabelecer o que dá especificidade a determinado discurso literário, envolvendo as condições necessárias e relacionadas a esse processo. A diferença entre elas é de valor e não de natureza, pois quando um sociólogo analisa uma obra literária ela representa para ele uma instituição como qualquer outra analisável sociologicamente.

É também possível dentro de uma mesma análise encontrar os elementos da sociologia da literatura e da análise sociológica do discurso literário. Há também esforço construído para se delimitar de maneira mais determinante os domínios de cada prática.

Não é sem sentido que, para Frederico (2005), a ênfase na singularidade do escritor cede lugar ao estudo sociológico, estrutural e genético, cuja ‘hipótese fundamental’ pressupõe que o caráter coletivo da criação literária provém do fato de as estruturas do universo da obra ser homólogas às estruturas mentais de certos grupos sociais. Deste modo, tece o autor o seguinte comentário:

Os grupos estruturam na consciência de seus membros uma “resposta coerente” para as questões colocadas pelo mundo circundante. Essa coerência (ou visão do mundo) é elaborada pelo grupo social e atinge o máximo de articulação através da atividade imaginativa do escritor. A obra, assim permite ao grupo entender mais claramente suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos. Esta é a função da arte: favorecer a “tomada de consciência” do grupo social, explicitar num grau extremo a “estrutura significativa” que o próprio grupo elaborou de forma rudimentar para orientar o seu comportamento e a sua consciência (FREDERICO, 2005).

Essas condições observadas pelo autor citado podem ser percebidas na obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, cujo enredo é permeado pela memória do narrador Nael, filho de algum personagem do núcleo da história e da empregada (sombra servil de Zana, a matriarca da família), que vai fazendo o relato dos fatos, a partir do quarto dos fundos da casa (BORGES, 2010).

Muitos entendem que os contos e romances de Milton Hatoum estão intimamente ligados à sua trajetória de vida, sua condição humana, resultado de experiências vivenciadas pelo autor amazonense, transfiguradas agora em matéria literária², tendo como cenário a Manaus de sua infância e juventude, o ciclo da borracha e seu posterior declínio, a Segunda Guerra Mundial e as mudanças que vão se processar no final dos anos 50.

² Um dos enigmas da literatura é a passagem da experiência para a linguagem. O grande desafio do escritor é transformar a sua experiência em linguagem. Todo mundo tem uma experiência, que pode ser mais rala, mais livresca, que pode ser uma experiência de leitura, de vida aventureira ou não. A questão da literatura é como isto se transforma em linguagem. A imaginação, que é o que para mim dá força à literatura, tem que traduzir esta experiência. O valor da arte está ligado à força da imaginação [...] Na verdade [...] um romance tem muito a ver com a minha experiência. Este é um romance que acompanha de perto a minha trajetória [...] Tem algo de autobiográfico, mas a partir do momento em que a vida é incorporada ao texto, a vida se torna texto, se torna literatura (HATOUM, apud DUARTE, 2013).

De acordo com as proposições de Cecarello (2011) e Silva (2011), são justamente por esses aspectos que as obras de Milton Hatoum podem ser consideradas como um das mais importantes da literatura contemporânea no Brasil, uma vez que este escritor ressalta o lugar social da literatura em seus escritos, utilizando-a como instrumento de conhecimento da realidade, do mundo, de si mesmo e dos outros (CECARELLO, 2011; SILVA, 2011).

Neste campo de entendimento centra-se as ideias de Lukács (2009), quando afirma que a forma é o elemento social da literatura, pois é nela que a experiência do autor se comunica com o público. Para o autor é somente por meio dessa comunicação que a arte assume significado social.

Desse modo, como o processo existente entre a arte e a sociedade deve ser visto de forma dinâmica, em movimento e em constante transformação, não se pode considerar a obra literária como simples reflexos estáticos e diretos da realidade, mas sim como uma mediação social (WILLIAMS, 1979).

Neste contexto, o objetivo de uma sociologia da literatura, portanto, é a busca das homologias, o estudo das estruturas significativas presentes nos grupos sociais – o substrato social que confere unidade à obra literária. Sendo assim, não se pode negar que a obra literária está inserida na prática social e que a sua análise, dentro de uma perspectiva sociológica, implica também pensar seus processos de consagração como processos históricos que envolvem conflitos, contradições, ambivalência, entre outros.

Diante disso, fica claro que a literatura, não é uma construção abstrata e teórica, mas um universo vasto e concreto, onde se gera o que é declarado literário, o que é julgado digno de ser considerado literário, mantendo união com a sociedade

por meio da forma considerada por alguns, como princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e do real (CECCARELLO, 2011).

Neste contexto, considera Cândido (2006) que, para o sociólogo moderno, a arte literária é social, direcionando-se em dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação, e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Assim, diz o autor, a própria literatura hermética apresenta fenômenos que a tornam tão social, para o sociólogo, quanto a poesia política ou o romance de costumes.

Levando a questão para os ambientes sociais da Amazônia, embora sejam bastante escassas as obras sobre a sociologia da literatura nestas paragens, alguns poucos que enveredaram por este caminho, mostram que as análises centram-se, como afirma Tupiassú (2005) no discurso da Amazônia dos excessos, pouco explorada e com parques proveitos a si; na Amazônia não mítica, povoada por legiões de brasileiros pobres; na Amazônia que guarda na cultura e na fisionomia e seus habitantes, os elementos da floresta, a memória viva do índio ancestral, hoje quase índio e quase nada; na figura do errante dos lugares encravados no íntimo da mata, em margens sem registros em nenhuma carta e assim por diante.

1.2 Sociedade e Letras na Amazônia

Grande é o desafio de decifrar a literatura amazônica. A Amazônia, afirma Moraes (2001, p. 19), não é assunto para escritores medíocres. “O gigantesco caos amazônico, para ser desvendado e compreendido, requer uma divinação quase profética. Não basta o aparelhamento científico”, afirma o autor.

Desse modo,

Para compreender, assimilar e exprimir a complexidade de sua natureza, o escritor precisa ser dotado de um talento verdadeiro, auxiliado por todas as forças do espírito e da vontade, além de possuir, simultaneamente, a faculdade de perceber de um só lance, as circunstâncias particulares e sensíveis que lhe explicam as influências passadas e presentes (MORAES, 2001, p. 19).

Assim sendo, neste universo de escritores que buscam compreender e interpretar a totalidade do mundo amazônico, a grande maioria, ao longo dos tempos, sempre procurou retratar, principalmente, o universo do ribeirinho, do caboclo ou do indígena, focalizando suas angústias na luta pela sobrevivência frente à Floresta Amazônica, temas esses que segundo Lima (2009), já foi alvo de preconceitos, e que vem aos poucos perdendo amplitude, ou pelo menos, dividindo espaço com uma literatura urbana, que ganha cada vez mais significado na literária amazônica.

Um estudo realizado por Leandro (2011) revelou que as manifestações literárias sobre esta região são tão antigas quanto aquelas consideradas canônicas para a historiografia da literatura brasileira. Analisando a literatura amazônica sob a perspectiva dos gêneros literários, o autor apresenta a seguinte classificação:

- a Arcádia amazônica – desse período, final do século 18, segundo Leandro (2011) destaca-se Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro poeta e dramaturgo amazonense cuja obra revela-se como autêntica expressão da região. Suas poesias são marcadas pela sua condição provinciana, e nos textos de seus dramas, nas deixas de seus figurantes simbólicos, o poeta se aproxima da realidade e das contradições sociais do tempo.

Na tentativa de criar uma tradição poética local, comenta Leandro (2011) que Tenreiro Aranha, ainda que cultivasse as formas clássicas do idílio e o soneto,

produz uma obra original, contrariando alguns modelos artísticos da época: as ninfas árcades surgem em igarapés e como gênios tutelares do rio Amazonas, havendo ainda outros indícios significativos da amazonidade como a sumaumeira e o umiri.

- Romantismo selvagem – no período romântico, a Amazônia ganha sucessivas representações literárias, afirma Leandro (2011), comentando que desse momento pode-se destacar o aparecimento de três ficcionistas de relevância: Lourenço da Silva Araújo e Amazonas, na linha temperamental e Francisco Gomes de Amorim, no indianismo.

No que se refere a Lourenço da Silva Araújo Amazonas³, dois aspectos são destacados no seu primeiro romance intitulado *Simá*⁴: a economia (ciclo econômico dominado pela cultura patriarcalista do cacaulismo) e a população indígena, demonstrando o choque das culturas européias-amazônicas.

Na linha historicista, entremeada de ficção de Lourenço, frisa Leandro (2011, p. 37), o índio distancia-se da visão de mito fundador e adquire um realismo que falseia menos a realidade do índio amazônico, especialmente suas agruras históricas e face dos colonizadores. “A obra representa o índio e uma nação carentes de liberdade”, sintetiza o autor.

³ Lourenço da Silva Araújo Amazonas nasceu no dia 4 de maio de 1803, na Bahia.

⁴ Concebido como um romance indianista, *Simá* é tecido de relações históricas que envolvem o processo de contato do nativo com a metrópole portuguesa. Nesta narrativa pode-se encontrar um levantamento metuculoso acerca das visões históricas sobre o caboclo amazônico, seu modo de viver tribal e sua desintegração diante do triunfo do colonizador europeu. A colonização portuguesa, nos trópicos amazônicos, é analisada pelas malhas da ficção construída por Lourenço da Silva Araújo Amazonas. A obra, portanto, é um texto que revela leituras distintas de um mesmo fato, mas que se intercambiam e se completam, quando se faz balanço das redes de contatos estabelecidos entre os procedimentos de apreensão da cultura amazônica. Construído sob dois painéis de imagens históricas e literárias, o primeiro capítulo de *Simá* conduz o leitor ao movimento do entre-lugar da história e do romance; ou seja, o leitor é inserido nas fronteiras do discurso de um campo que se constrói pela imagem do passado, a história, e de outro lado, identifica-se um plano narrativo cuja base é o rompimento de territórios fechados a ponto de instaurar uma diversidade de imagens sobre a matéria histórica, tendo-se sob essa ótica, o delineamento da esfera da literatura. Assim é possível deduzir que essa postura de escrita instaurada é resultado do entrelaçamento da memória histórica sobre o imaginário amazônico (QUEIROZ e LIMA, 2008).

Enquanto a obra de Lourenço da Silva Araújo e Amazonas mostra a situação histórica dos amazônidas na primeira metade do século 19, o português Francisco Gomes de Amorim, em sua vivência pela região dá origem a duas obras, como “Os Selvagens”, que desvela uma sociedade perturbada pelas instabilidades políticas que sucederam à Independência. Neste contexto histórico, comenta Leandro (2011), Gomes de Amorim não foge à representação da revolta da Cabanagem, em que mestiços e índios sonhavam com uma Amazônia livre do poder colonial.

- Naturalismo e outras correntes – o naturalismo amazônico tem como representante o paraense Inglês de Sousa (1853-1918), responsável pela representação das lutas sociais amazônicas e da transição entre o regime econômico cacaulista e o ciclo da borracha.

De acordo com os relatos de Leandro (2011, p.47) em todos os seus romances, incluindo “Coronel sangrando” e “História de Pescador”, ambos de 1877, Inglês de Sousa transforma a cidade de Óbidos em seu espaço romanesco, destacando a economia vinculada à onda cacaueteira, o comércio dos regatões, os hábitos e costumes do povo. “Inglês de Sousa crava definitivamente a integração da cultura amazônica à história da civilização brasileira [...] avança no sentido de privilegiar o ato narrativo”, assinala o autor, esclarecendo que a corrente naturalista da Amazônia não segue um curso contínuo, porque em alguns momentos faz suas guinadas para o romantismo tardio e seu indianismo, tendo como exemplo disso o amazonense Paulinho de Brito (1858-1919), que em suas obras (“Contos” e “História e aventuras”) aproveita-se das lendas amazônicas, da lenda indígena, folclórica e ribeirinha, para compor seus contos.

Com a chegada do ciclo da borracha, que traz nova forma de exploração econômica e trabalhista para a região, surgem as obras de Mário Ypiranga Monteiro,

que conforme mostra o estudo de Leandro (2011), simboliza esse período de transição, comparando a casa-grande do cacau ao 'barracão-taverna' do seringal e excluindo também a figura do regatão, tão importante ao sistema cacaulista.

O estudo de Leandro (2011) delinea, portanto, um panorama da literatura amazônica, reconstruindo parte da história literária desta região, destacando a contribuição de tantos outros escritores como Raimundo Moraes (1875-1941), tido como profundo conhecedor dos cenários amazônicos e que transpõe com 'traços sinceros' os personagens amazônicos, além de João Marques de Carvalho, Paulino Brito, Rodolfo Teófilo, Quintino Cunha, Catulo da Paixão Cearense, e Raimundo Monteiro, companheiros de geração de Alberto Rangel e Euclides da Cunha (considerado pelos teóricos como o 'revelador da Amazônia' e como aquele que traçou diretrizes seguras para os estudos amazônicos), e que representaram literalmente a Amazônia.

Após o ciclo da borracha, segundo Costa (2007, p. 275), a região entra em processo de retração econômica. "Manaus recolhe-se para remendar suas redes e refazer suas forças em novas alianças político-culturais", afirma a autora, complementando que esse período de 'ensimesmamento' do Estado e da cidade de Manaus produz frutos.

A partir de então, surgem novos intelectuais preocupados em compreender as complexidades da Amazônia, como André Araújo, com sua sociologia humana e Djalma Batista, com seus estudos que representam registros importantes da formação e desenvolvimento social sobre a Amazônia.

Deste modo, começando com Djalma Batista, sua obra assenta-se sobre as complexidades sociais e ambientais que atingem a colonização da Amazônia.

No parecer de Pinto e Jacaúna (2007, p. 2):

Analisando o pensamento social de Djalma Batista deparamo-nos com um perfil intelectual que não está apenas voltado para conhecer a Amazônia a partir de disciplina específica, mas de múltiplos aspectos, combinando ferramentas metodológicas de disciplinas como a sociologia, antropologia, história, geografia e de disciplinas das ciências naturais, revelando, deste modo, a Amazônia em suas várias faces.

Com efeito, Djalma Batista em seus estudos sempre procurou, não só descrever a Amazônia, mas também desvendá-la em profundidade, apoiado em sua experiência de vida, em seus conhecimentos e no interesse em conhecer a região amazônica em toda sua plenitude, denunciando a tendência predatória e destrutiva de todos os ciclos e processos que contribuíram para a construção do padrão de ocupação e exploração que caracteriza a história da Amazônia (PINTO e JACAÚNA, 2007).

Ao discorrer sobre os choques culturais que ocorreram com a vinda dos colonizadores, Djalma Batista declara que desde as primeiras horas da chegada desses estrangeiros, os nativos da região estavam condenados nos confrontos entre culturas de níveis diferentes.

Os conflitos entre a cultura que chegava e a tradicional, dos senhores da terra, era inevitável. O equilíbrio ecológico então existente começou a se romper, acentuando-se pelos anos afora, à medida que os colonizadores recolhiam a especiaria. Para o índio, os resultados desse choque foram sumamente graves: mudança de dos métodos de trabalho e dos hábitos, alimentares; a imposição de novas crenças (DJALMA, 2007, p. 55).

Embora numericamente reduzidos e sem grande desenvolvimento intelectual, os ditos brancos são descritos por Djalma Batista (2007) como portadores de um complexo que compreende os conhecimentos, as crenças e as artes, a moral, as leis, os costumes e todos os demais hábitos e aptidões adquiridos pelo homem na qualidade de membro de dada sociedade, além de serem apontados como os

mensageiros de uma língua estruturada. Em outros termos, eram portadores de tudo o que representava a supremacia de sua sociedade.

Porém, não desconsidera Djalma em sua obra que eles trouxeram também, de muito mau, o espírito de superioridade, que tentou fazer do índio um escravo, a serviço de uma ambição desenfreada; os hábitos eufóricos, principalmente o alcoolismo devastador, que se disseminou entre a população indígena, e a larga e letal contribuição das doenças infecciosas, que não encontraram resistência na população local. “Tais qualidades negativas, juntando-se às da indiada, pesaram muito na formação interétnica, estimularam o espírito de vingança e foram muito nocivas ao homem da Amazônia”, denuncia o autor (DJALMA, 2007, p. 55).

Além disso, cita também o mesmo autor, as lutas e as guerras travadas desde o princípio entre os colonizadores e os nativos da região. Em seus relatos:

O período colonial foi aqui um contínuo motim [...] A todos nós, nos dias atuais [...] repugna a crueldade do cabo Belchior Mendes de Moraes, que no ano de 1729, comunicou ao capitão-general e governador do Pará, ter passado pelas armas 28.000 índios. Também nos repugna o que fez o famoso fr. José dos Santos Inocentes, que é figura histórica e tem nome de rua de Manaus: apesar da pureza do onomástico, iniciou [...] lançando vestes de bugres convalescentes de varíola sobre tribos do alto Madeira (DJALMA, 2007, p. 57).

Na obra, portanto de Djalma Batista está o relato de como os nativos da Amazônia foram tratados, continuamente, pelos colonizadores, a ferro e fogo.

Muitas e outras complexidades envolvendo a Amazônia são descortinadas nas obras de Djalma Batista, como as questões envolvendo o desafio imposto ao homem do interior, vivendo em espaços quase desabitados, à beira dos rios, em profunda estagnação.

Nas reflexões do autor:

Lastimavelmente, enquanto as capitais crescem e incham, a hinterlândia se despovoava e decaía [...] Restou ao interior uma massa imensa, em completa desagregação social, vivendo em condições subumanas, embrutecidas e aviltadas: pária entre os párias, solitário, obstinado e cego” (DJALMA, 2007, p. 115).

Estes assuntos também foram de grande interesse de André Vidal de Araújo, que muito esforço fez para compreender e interpretar o universo amazônico. Sua obra é considerada um testemunho singular da sociologia amazônica, porque consegue descortinar os cenários, os povos, os costumes e as características inerentes à vastidão da Amazônia. “Temos que encarar mui seriamente, na Amazônia, as condições geográficas, para o estudo do complexo social, das relações sociais, dos processos sociais, das distâncias sociais, no mundo inter-humano da Amazônia”, afirma André Araújo (2003, p. 16).

Segundo Puga⁵, André Araújo situa-se como interprete da realidade brasileira, ancorando suas análises na realidade amazônica. Sua preparação teórica e seu envolvimento com determinados temas e problemas práticos, justifica a autora, é fruto mais do esforço pessoal do que de uma preparação sistemática no campo da ciência social. Sua obra possui valor sociológico na medida em que aborda problemas sociais; busca uma compreensão sistematizada das questões estudadas, tenta dialogar com as ideias sociológicas de seu tempo e possui abordagens pioneiras.

Para André Araújo (2003), o ambiente geográfico da Amazônia tem grande influência sobre as condições de vida social na região, e seu pensamento,

⁵ Lúcia Puga, fazendo o prefácio do livro Introdução à Sociologia da Amazônia, de André Vidal de Araújo.

corajosamente, caminha na contramão de muitas ideias sociológicas que dão a essa influência excessiva relatividade.

O extraordinário espaço social amazônico, inexplorado e inculto, com os grandes rios altamente navegáveis, é ambiente preparado à sociabilidade, para a cultura de imigrantes capazes. Não são os rios fatores geográficos que impeçam as concentrações e as aglomerações humanas [...] Esses caminhos fluviais são as estradas reais que transportam algumas forças e formas vivas de cultura e civilização para os centros e para as comunidades decadentes do interior (ANDRÉ ARAÚJO, 2003, p. 37).

No que se refere aos aspectos relativos aos espaços sociais, grupos sociais, culturais e humanos da região, com relação aos primeiros – compreendidos como o ambiente moral em que os movimentos sociais se realizam, meio onde se dilui muitos traços de culturas de outros povos e outras gentes – na Amazônia, sob a ótica de André Araújo (2003), estão perfeitamente dentro das relações de aproximação ou de distanciamento dos homens.

Nas palavras do autor:

Nesse sentido de distância, é que está a verdadeira noção de espaço. Isso se complica um pouco, no vazio amazônico, em que as distâncias sociais mais se sentem acrescidas ante o espaço geométrico, ante as distâncias geográficas e a pequenez das comunidades (ANDRÉ ARAÚJO, 2003, p. 143).

Neste sentido, no entendimento de André Araújo a distância entre os homens na Amazônia contribui para fazer crescer as distâncias sociais, e o silêncio social existente contribui para o recrudescimento da pobreza na região. “Os *status sociais* estão entrelaçados uns com os outros. Pouco de muda de atividade, a não ser pela mobilidade social”, afirma André Araújo (2003, p. 145).

No que diz respeito aos agrupamentos sociais na Amazônia, segundo Araújo (2003, p. 160) estes existem em todas as áreas amazônicas e se dão às margens dos rios, onde a pouca densidade ocupacional determina uma certa tendência para

a sua mobilidade.” Apesar dos grupos sociais existentes, a Amazônia é um deserto tão vasto como o Saara, a Groelândia. As pequenas manchas grupais que ponteiavam nesse deserto se acumulam nas margens dos rios”, enfatiza o autor, esclarecendo ainda que esses grupos sociais são em regra primários: família, jogo, vizinha, escola, igreja, oficina ou trabalho.

Desse modo, portanto, na Amazônia se dá a integração social na vida comunitária. É onde, como afirma André Araújo (2003), se desenvolve a disciplina, o trabalho, a cultura, a linguagem, os hábitos, e as tradições.

A propósito disso, afirma André Araújo (2003, p. 188) que só se pode ter noção da cultura dos povos da Amazônia, se se penetrar seus rios, vendo sua gente, viajando e vivendo com a planície. “A Amazônia é um vastíssimo anfiteatro, cujo imenso material cultural poderá oferecer ao mundo as mais surpreendentes novidades, no campo de instituições e da conduta organizada”, assevera o autor, esclarecendo que o panorama etnológico da Amazônia é constituído por vivências, entidades culturais, onde se percebe certa homogeneidade de traços, de lendas, de hábitos, de costumes. A autoridade entre os homens da região é branda porque a brandura é fundamental como boa norma de viver.

O caboclo não tolera o autoritarismo. Aberto um conflito, oriundo disso, ele não volta ao status primitivo. Corta caminho. Evita servir, defrontar. Abre distâncias. E assim reage [...] Tenho a impressão que ele é um avançado no campo da tolerância e da compreensão das coisas humanas (ANDRÉ ARAÚJO, 2003, p. 190).

Sob esta ótica, na organização da família, do trabalho, da propriedade, da divisão de terras, o caboclo mantém sua estratificação social, seus grupos, sua classe. O casamento é monogâmico (ainda que seja um tanto frágil como instituição), as mulheres têm a mesma posição dos homens, os velhos são

respeitados. As famílias sempre numerosas e nelas todos têm uma acentuada preocupação com a cooperação.

A grandeza da terra deu ao habitante da Amazônia espírito de hospitalidade e a grande liberalidade com que encara tudo na vida. O homem da planície não escraviza, não oprime, não é ambicioso, não tem instintos maus. Nas suas relações sociais está sempre aberto aos contatos humanos, com pobres e ricos, brancos e pretos, nacionais e estrangeiros. Tem ele um sentimento nativo de justiça, de direito, de respeito à autoridade [...] O marido exerce uma autoridade suave (ANDRÉ ARAÚJO, 2033, p. 193).

O homem amazônico é descrito por André Araújo como um forte, um herói, sob todos os pontos de vista. “Na trama de seu biótipo, na amálgama de seu tipo, na mestiçagem de seu todo, ele traz as qualidades admiráveis de inteligência, de valor para construir uma grande civilização no ambiente que dispõe”, sintetiza o autor (2003, p. 75), sem deixar de lançar um olhar sobre os estrangeiros colonizadores (portugueses) e outros povos, como os libaneses que, embora em muito menor escala e em tempo mais recente, tiveram sua importância na mestiçagem realizada e na formação dos grupos humanos de hoje. “Tiveram sua ação no caldeamento das gentes da Amazônia”, complementa, afirmando ainda:

Este trabalho extraordinário de integração do capital humano [...] aos novos padrões de cultura e estágios que os colonizadores traziam é uma das obras mais gigantescas da história da Amazônia, nisso que é hoje a própria Amazônia, como núcleo fundamental (ANDRÉ ARAÚJO, 2003, p. 75).

Em síntese, como afirma Tupiassú (2005), clarear esse panorama, desdobrar uma cartografia de opulência, descortinar as curvas do solo de miséria, remontar seus fragmentos, recolher seus retalhos, revela os termos do encontro entre europeu e índio, pode servir de inventário para temáticas literárias.

Nos dizeres de Tupiassú (2005, p. 301):

Pensar a literatura feita na Amazônia pede o exame, ainda que de raspão, como nos sobrevôos deste escrito, sobre os movimentos do colonizador. Desde o século XV, relatos e mais relatos foram lavrados pelos seus cronistas, homens de profusa palavra, e por não contemplativos missionários, homens de escrita brilhante, todos ciosos em eternizar os trâmites da dominação, o pasmo, o alumbramento, o gabo triunfalista, o horror ante a outra gente. Sobre os índios, são muitas as desrazões que circulam nas cônicas. A do primeiro governador do Brasil ecoa como um emblema do malfeito. Tomé de Sousa dizia que eram tantos, mas tantos, os índios "que ainda que os cortassem em açougue nunca faltariam". Isto dito sem que pudesse imaginar as multidões de tribos espalhadas pelas entranhas da floresta amazônica.

É dentro, portanto, deste contexto que se define uma Amazônia literária, um contexto que segundo a autora citada, traz uma mistura incrível de padrões de beleza, de ideia de enormidade, de inacreditável concentração de miséria humana e social, e uma miscigenação gigantesca que criou tonalidades diferentes nas populações, ou mais precisamente, uma gente amarronzada, com fisionomia de índio e traços de branco, índio com traços de negro, memória viva dos colonizadores e de outros povos que aportaram na região.

Olhando por este viés, André Araújo (2003, p. 205), comenta que se pode afirmar, com absoluta certeza, que por conta da miscigenação se processou na Amazônia uma intensa aculturação de elementos novos, que se entrosaram com velhos elementos natos na região, promovendo mudanças nos hábitos, na linguagem e tom de pronúncia. "As culturas que possuímos foram nascidas do esforço de uma gente livre, sem preconceitos escravocratas", enfatiza o autor, observando que,

essa síntese magnífica para uma compreensão social do homem amazônico deixa clarissimamente quanto de belezas profundas existem nas culturas [...] disseminadas pela interlândia, qualquer que seja o prisma por que se olhe o homem da Amazônia (ANDRÉ ARAÚJO, 2003, p. 2005).

Percebe-se, então, que o homem amazônico é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos (ameríndios da várzea e da terra firme, negros, nordestinos e europeus de diferentes nacionalidades), que instauraram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos, descrito por Euclides da Cunha como espaço ruidoso, amplo opulento cuja vida se resume em um permanente banho de vapor, mas cuja gente de boa índole, acolheu grande a diversidade de povos ao longo da história, que se instalaram no interior das matas e na beira dos rios (BITAR, 2010; BRAGA; FRAXE et al. 2009).

Dentre os estrangeiros que desembarcaram na Amazônia, ajudando a imprimir na região a diversidade de culturas e nacionalidades, estão os libaneses, povos imigrantes que buscavam não a lenda do Eldorado, mas a realidade da moeda e da terra que oferecia espaço a todos, trazendo crenças diferentes, uma língua difícil e que exercitaram sua habilidade, transpondo para o clima tropical da selva o atavismo de fazer comércio e saber trocar com lucros (SILVA, 2004; AZIZE, 2006).

Quando a notícia do fastígio da borracha na Amazônia invadiu a Europa levou de imigrantes de todas as procedências invadiram a região e a partir daí formou-se um caminho de etnias e culturas no qual sírios e libaneses acabaram contribuindo para o desenvolvimento cultural do Estado.

É neste contexto que Milton Hatoum elabora sua literatura, imprimindo em sua obra um olhar universal a partir dos dramas regionais, desvendando a vida, a história e modos dos habitantes de Manaus.

De acordo com Holanda (2007, p. 338), a fidelidade de Hatoum à imagem manauara é consideravelmente bem resolvida no modo narrativo, havendo em sua prosa um selo singular dessa filiação que algumas vezes vem no modo irônico,

outras vezes de modo divertido, mas, é como quase sempre, Hatoum dribla sua emoção. “A linguagem em Hatoum está empenhada em passar ao leitor um dado do mundo amazônico [...] sabendo ser um instrumento de criação de um universo da memória” justifica o autor.

Em *Dois irmãos*, há todo um aproveitamento da complexa rede multicultural amazônica. Milton Hatoum trabalha as inúmeras migrações que vieram para a Amazônia, reafirmando ser aqui um lugar cosmopolita, narrando a trajetória de uma família libanesa, onde personagens percorrem uma senda histórica iniciada nos tempos difíceis da imigração, até a transculturação no interior da família dos gêmeos Omar e Yaqub, e dessa com a atmosfera da cidade de Manaus (CARNEIRO, 2010; LEAL, 2010; PINTO JR. 2010)

2 MANAUS: PERCURSOS SOCIOLÓGICOS PARA A OBRA DOIS IRMÃOS

O extraordinário espaço social amazônico, inexplorado e inculto, com os grandes rios altamente navegáveis, é ambiente preparado à sociabilidade, para a cultura de imigrantes capazes.

(André Araújo)

“Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era hora do alvoroço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegavam ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhava em filas sobre as tábuas estreitas, que formavam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro. Um outro sumia na escuridão do rio e virava notícia” (HATOUM, 2000, p. 120).

Inicia-se este capítulo com esta narrativa, porque ela refaz o que foi um dia uma parte representativa da vida social na cidade de Manaus, depois da derrocada do ciclo da borracha: a Cidade Flutuante, formada por ribeirinhos que buscavam novas opções de vida em uma cidade mergulhada em grandes dificuldades de trabalho, de alimentação e de moradia. Adensando-se como diz Souza (2011) pelo litoral da capital, a Cidade Flutuante era formada por casas palafitas, barracas, tapiris, em um processo lento, gradual, porém sempre constante, e nela era desenvolvido uma gama de sociabilidade intimamente ligadas e dependentes das águas do rio e igarapés.

Em vários momentos da trama do livro “Dois Irmãos”, a Cidade Flutuante aparece como local predileto de Halim. Por conta disso, Halim acompanha com

tristeza a sua demolição, revolta-se ao vê as casinhas serem derrubadas e chora quando as tabernas e seu bar preferido são desmantelados a golpes de machado.

Chorou muito enquanto arrancavam os tabiques, cortavam as amarras dos troncos flutuantes, golpeavam brutalmente os finos pilares de madeira. Os telhados desabavam, caibros e ripas caíam na água e se distanciavam da margem do Negro. Tudo se desfez num só dia, o bairro todo desapareceu. Os troncos ficaram flutuando, até serem engolidos pela noite (HATOUM, 2000, p. 211).

Esse bairro, portanto, que como descrito na narrativa flutuava sobre o Rio Negro, era espaço carregado de lembrança de dias alegrias para Halim, por conta disso, o seu desmanche o deixa amortecido de tristeza. “Ali, [...] podia passar o resto do tempo, os dias ou anos [...] entre as tabernas do porto, o labirinto da Cidade Flutuante” (HATOUM, 2000, p.163).

Deste modo, nesta segunda parte, o estudo tem como vertente de análise a Cidade de Manaus, a aldeia universal de Milton Hatoum e o foco geográfico da narrativa hatoumiana, capturada pela visão de seus personagens (BORGES, 2009).

Contempla-se um panorama da década de 1950, início dos anos 60, momento em que a cidade se viu abandonada, com sua economia em total precariedade e o espaço social entrando também em declínio, por conta da derrocada do ciclo da borracha.

Busca-se também nesta parte do estudo pensar a chegada dos primeiros imigrantes libaneses, focando atenção na família, mostrando o paradoxo entre a família oriental libanesa, com tradições, valores e códigos culturais diferentes e a família amazônica, que, como observou José Veríssimo (1970), surgiram de uniões conjugais com os colonizadores, cuja escassez de mulheres branca teria auxiliado nos enlaces, dando início a construção de famílias miscigenadas.

2.1 Apogeu, declínio e as tentativas de mudanças da cidade de Manaus

A visão que por muito tempo predominou sobre a cidade de Manaus, era de uma cidade provinciana, de traços bem ordenados, bucólica, com uma sucessão de harmonia sem conflitos e gozando da mais perfeita ordem, atraindo a atenção de viajantes, poetas, boêmios.

Nos dizeres de Thiago de Melo (1984, p. 247):

Não tinha a fama nem o prestígio da atual. E era genuinamente cabocla, embora em seus tempos dourados esbanjasse matéria-prima importada de vários países da Europa. É verdade que nunca chegou a ser atração nacional, como a de agora. Mas era indiscutivelmente mais franca. Aberta a quem chegasse, não fazia acepção de pessoas.

Todavia, segundo Santos (2009), antes mesmo que a borracha alcançasse projeção, a elite que se arraigava no Amazonas, principalmente a parcela domiciliada na cidade de Manaus, começava a nutrir o desejo de expurgar do espaço urbano todos os elementos que consideravam indesejáveis.

Começava a incomodar a elite branca o fato de Manaus parecer mais uma aldeia do que uma cidade, uma vez que a esmagadora maioria de seus habitantes era formada de índios e mestiços, que davam os tons culturais da capital da Província do Amazonas. Assim, tornava-se imperioso para a minoria branca eliminar a fisionomia índia que Manaus possuía. Nesse período reiniciou-se o processo gradativo de acidentalização da elite que, embora lento, entrava em choque com formas culturais nativas, de fortes raízes indígenas.

Com o advento do apogeu da borracha, a paisagem urbana de Manaus começa a mudar, com a cidade distanciando-se, como afirma Sombra (1996, p. 91) das origens indígenas, aterrando os igarapés que embelezavam o centro da cidade para dar lugar às avenidas, preparando-se para receber os sobrados, os palacetes, os hotéis, teatros, palácios, alfândega, biblioteca pública. A paisagem arquitetônica

de Manaus comenta o autor, agora se compunha entre os estilos neoclássico e *art nouveau* e a sociedade amazonense passa a imitar os costumes europeus.

Nessa linha de reflexão Oliveira e Lima (1999, p. 79) afirmam:

A velha Manaus provinciana foi sendo gradativamente substituída por uma “outra cidade”. Os antigos aspectos que caracterizavam o cotidiano dessa cidade provinciana, como os aguadeiros, com suas latas de água sobre a cabeça, as velhas construções que não refletiam os modelos europeus [...] foram dando lugar às novas construções.

As divisas da borracha, portanto, como sugerem as observações acima, traziam para Manaus uma nova realidade. “Descortinavam o que até então estava encoberto nos tempos provincianos”, assinalam Oliveira e Lima (1999, p. 79).

Discorrendo sobre Manaus desta época, Loureiro (1986, p. 33), tece o seguinte comentário:

Cidade rica, progressistas e alegre, de ruas retas e largas, calçadas com granito e pedra de lios importadas de Portugal, sombreada por frondosas mangueiras, e de praças e jardins bem cuidados, com belas fontes e monumentos, tinha todos os requisitos de uma grande urbe moderna: água encanada e telefones, energia elétrica a partir de 1896, rede de esgotos em construção e bondes elétricos desde 1895, espantando até visitantes europeu do raio do século, com suas alucinantes velocidades de 40 a 50 quilômetros por hora, nas linhas de aço espalhadas por toda a malha urbana e penetrando na floresta até os arrabaldes mais distantes. O seu porto flutuante, obra-prima da engenharia inglesa, construído a partir de 1900, recebia navios de todos os calados e das mais diversas bandeiras.

Como se pode observar, Manaus vivia, entre 1890 e 1910, o apogeu da borracha. Segundo Noronha (1998), os governantes e comerciantes locais trazem do Velho Mundo centenas de arquitetos, artistas e paisagistas para a execução do ambicioso plano urbanístico, que resultou em uma cidade com perfil arquitetônico europeu (embora encravada no meio da selva), contando com modesto sistema telefônico, calçamento nas ruas, avenidas e praças urbanizadas, luz elétrica, galerias fluviais, tratamento de água e esgoto, serviços de bondes elétricos e com o

primeiro porto flutuante do Brasil, adaptado inventivamente ao regime das águas da região, totalmente importado da Inglaterra.

Os produtos importados dos grandes centros europeus circulavam em Manaus com uma naturalidade espantosa, deixando verdadeiros monumentos como testemunhos dessa época de riquezas (AMAZON VIEW, 2005).

A época também foi marcada por intensas transformações culturais que se traduziam em novos hábitos de consumo, valores e sociabilidade que foram se desenhando na sociedade amazonense, nos saraus familiares, nas relações sociais e assim por diante (MACHADO, 2011).

Havia um novo modo de viver e novas invenções tornavam a vida mais fácil em praticamente todos os níveis sociais. A vida social à época já demonstrava uma perversa exclusão social, mas a cena cultural se encontrava em ampla efervescência no país, com os cabarés e o cinema, chegando à Amazônia, tendo como principal marco material desta época o Teatro Amazonas, projeto que procurava imitar a vida cultural de Paris (DAOU, 2000).

Desta forma se configurava Manaus, até a derrocada do ciclo da borracha que abalou profundamente sua economia e os costumes locais. Como relata Mello (1984, p. 27):

Era o fim da grande vida. Do dia para a noite, se foram acabando o luxo, as ostentações, os esbanjamentos e as opulências sustentadas pelo trabalho praticamente escravo do caboclo seringueiro lá nas brenhas da selva. Cessou bruscamente a construção dos grandes sobrados portugueses, dos palacetes afrancesados, dos edifícios públicos suntuosos. Não se mandou mais buscar mármore e azulejos na Europa, ninguém acendia mais charutos com cédulas estrangeiras.

Essa crise que durou quase meio século, até a chegada da Zona Franca, em 1967, como observa Mello (1984, p. 27) impediu que o enxoval das moças ricas viesse de Paris e que as companhias líricas de operetas italianas retornassem para

suas temporadas no sempre iluminado Teatro Amazonas. A crise também rareou os navios ingleses, alemães e italianos nos porto de Manaus; fez com que empresas exportadoras de capital estrangeiro entrassem em concordata, impediu que os coronéis de barranco continuassem a pagar com fortunas as carícias das francesas importadas e refinadas na arte do amor comprado, fez com que numerosos barcos saíssem de Manaus carregados de pessoas que abandonavam a cidade. “O povo continuou sendo povo. A cidade ingressou então no seu largo período de declínio e estagnação” pondera o autor.

Segundo Souza (1994), a brutal recessão que se instalou gerou um clima de instabilidade.

O empresário da borracha, que estava despojado de seu domínio, descobre-se uma anomalia econômica em 1920. E a região, não podendo concorrer com as manobras do mercado internacional contra os seringais racionalizados, entrou em colapso e ficou perseguindo o sonho do extrativismo. A mais dolorosa melancolia: ter de refletir de maneira opaca a luta da burguesia brasileira pelo poder, quando somente soubera refletir os contornos culturais europeus para o consumo colonial (SOUZA, 1994, p. 149).

Esses momentos são registrados por Azize (2006), em seu livro *E Deus chorou sobre o rio* (que traz um relato da migração árabe no Amazonas), quando assinala:

A cidade mostrava, no seu próprio comportamento, que todo o sonho elástico perdera sua consistência. Os sobrados de estilo neoclássicos e *art nouveau*, que se ergueram na cidade até 1910, 1913, estavam quase todos fechados e seus donos querendo alugar, porque a burguesia elástica não suportava mais as despesas de manutenção dos casarões e o custo que as recepções noturnas lhes exigiam. Os filhos dessa casta, que estudavam na Europa e gastavam numa semana aquilo que um general português da época não recebia de saldo durante um ano, tiveram que voltar e começar a trabalhar por aqui, a fim de manter a sobrevivência (p. 63).

Portanto, depois de ter conhecido a prosperidade com o ciclo da borracha, a região caiu no esquecimento. Enquanto no resto do país, vencida a primeira metade do século XX, ia-se instalando e avançando o progresso, com o surgimento e

intensificação das atividades econômicas e o crescimento das cidades, Manaus continuava praticamente mergulhada no século XIX, sofrendo com a ocupação da orla fluvial por pessoas de baixa renda (NORONHA, 1998).

O Amazonas, afirma Souza (1994, p. 149) transitava entre a solidão dos abandonados e as raras manifestações da caridade nacional. “Os empresários, afirma o autor, viviam mergulhados no delírio da monocultura, com uma estrutura tão antiga que só por milagre de mau gosto pôde se manter durante trinta anos”, enfatiza o autor.

Nas premissas de Djalma Batista (1946 apud SOUZA, 1994, p. 151): “Os moços não tinham horizontes e os velhos só possuíam olhos lacrimejantes para a bancarrota. O Amazonas submergia ao peso do determinismo histórico”.

Os anos 40 e 50 chegam e encontram Manaus reduzida a um modesto aglomerado urbano, de pouco mais de 100 mil habitantes. Segundo Peres (2002), a vida fluía sem pressa e sem sobressaltos, em um ritmo ditado pelas condições físicas, econômicas e culturais de uma comunidade pequena, com três décadas de estagnação e obediente a valores tradicionais.

Manaus era uma cidade de pequenos-burgueses. Praticamente inexistia uma alta burguesia dominante [...] O que se poderia chamar de burguesia era constituída por algumas dezenas de comerciantes agrupados na Associação Comercial, que estavam longe de constituir uma plutocracia opulenta e não se distinguiam da classe média nem sequer pelo estilo de vida que adotavam (PERES, 2002, p. 23-24).

Relatando outros fatos que caracterizam a vida social na cidade de Manaus nestas décadas, Peres (2002) lembra também que a comunidade era como uma grande família. Todos se conheciam, mesmo as pessoas que não pertenciam ao mesmo círculo de relações.

Nas palavras de Peres (2002, p. 24):

Quando não sabiam, conheciam-se de vista, de tanto se cruzarem nas ruas. Caminhar da porta de casa até o local de destino, por curta que fosse a distância, podia levar um bom par de horas, tantas as paradas que se faziam para os abraços dos amigos, os papos nas rodas que se formavam e os inevitáveis convites para o cafezinho.

Nessa Manaus bucólica e pacata desenrola-se o drama ordinário de seus habitantes e este se encontra presente na obra de Milton Hatoum, no trecho do livro *Dois Irmãos*, quando o narrador diz:

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que subiam a rua na direção da praça dos Remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulos de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz (HATOUM, 2000, p. 22).

Mas neste espaço de solicitude, com ar de tranquilidade e simplicidade havia uma crise e Manaus passava por grandes dificuldades em decorrência de sua economia estagnada.

Uma Manaus pobre e abandonada. Era assim que os jornais da década de 1960 intitulavam suas notícias sobre esta cidade que passou quatro décadas em crise econômica após um período farto, rico e pomposo do ciclo da borracha (AFONSO, 2010, p. 46).

Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-145), Manaus volta a ser protagonista no cenário mundial, por conta de um acordo celebrado entre Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, que previa procedimentos a serem tomados para o aumento da produção da borracha nativa, com o governo brasileiro comprometendo-se em fornecer aos aliados (Estados Unidos, Inglaterra e França, um mínimo de 5.000 toneladas de borracha anuais. A intenção era que tal volume substituísse a produção da Malásia, que se encontrava sob o domínio dos japoneses. Era mais

uma oportunidade para o desenvolvimento social e econômico da região (SANTOS, 2009).

Enquanto isso, os habitantes da cidade enfrentavam um cotidiano difícil: a falta de produtos alimentícios básicos tornou-se parte da rotina dos moradores de Manaus.

Na obra *Dois Irmãos*, este cenário é descrito, com os personagens vivenciando os anos de guerra envoltos em dificuldades.

Fora assim durante os anos de guerra. Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia e um ovo valia ouro. Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao mercado Adolpho Lisboa [...] Quando tinha sorte Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. Às vezes, trocava víveres por tecido encalhado: morim ou algodão esgarçado, renda encardida, essas coisa. Conversavam em volta da mesa sobre isso: os anos da guerra, os acampamentos miseráveis nos subúrbios de Manaus, onde se amontoavam ex-serigueiros (p. 23).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, todos os planos e programas para o desenvolvimento da Amazônia deixaram de lado a exclusividade extrativista e direcionaram-se para a indústria e mineração. Nas premissas de Barbosa (2013), embora os êxitos obtidos até o final da década de 40 não tivessem atenção voltada para a integração da economia da região amazônica, os desdobramentos das políticas de desenvolvimento regional serviram para identificar algumas potencialidades produtivas regionais.

Chega-se à década de 50, que ficou marcada pelas transformações socioeconômica no país. “Os anos de 1950 [...] são considerados um divisor de águas para compreensão de nossa história, de nossa sociedade”, salienta Ribeiro (2013), lembrando que do ponto de vista da cultural e do imaginário social, acreditava-se que o Brasil estava preste a se tornar uma nação moderna e

caminhava no sentido de adotar um novo padrão de vida, muito próximo do modelo consumista do capitalismo norte-americano.

No final da década de 50 e início da década de 60 além de profundas transformações econômicas e sociais, o país vivencia também profundas transformações culturais, que chegam à cidade de Manaus, que já contava com sistemas de radio e recebia, ao final da década de 1960, a televisão fazendo-se presente em alguns lares amazonense. “O afastamento geográfico não impediu que as cidades amazônicas sofressem a influência de um contexto cultural mais amplo, pois os homens não produzem suas culturas isoladas de todas as outras”, assevera Oliveira (1995, p. 39).

O cinema na cidade atinge o ápice. Exibindo filmes e musicais hollywoodianos transformam-se em grande novidade e ponto de encontro da população mais jovem.

Nos clubes as festas de carnaval faziam sucesso. De acordo com Oliveira (2003), o domingo, considerado dia de festa, era esperado com ansiedade, pois neste dia aumentavam os encontros nos balneários próximos da cidade, nos igarapés locais onde as festas familiares aconteciam.

Havia também o Festival Folclórico no mês de junho, as festas religiosas, os passeios pelos parques, à ida ao Teatro Amazonas, as festas das Rádios. De acordo com Afonso (2010, p. 25), que não fazia parte da culta sociedade amazonense, os clubes sociais eram excelente opção de divertimento musical, reunindo associados e simpatizantes. “Eram nos clubes que aconteciam as festas e os bailes populares para a grande massa da população e onde as pessoas ouviam e se divertiam ao som dos grandes sucessos nacionais”.

Nos relatos de Nael⁶:

A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a idéia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. Zana, que na juventude aproveitara os resquícios desse passado, agora se irritava com a geladeira a querosene, com o fogareiro, com o jipe mais velho de Manaus, que circulava aos sacolejos e fumegava (HATUOM, 2000, p. 128).

Juntamente com o aumento da demanda de opções culturais, nesta década ocorre melhoria no sistema econômico da cidade, além de uma nova forma de pensar a região sob uma perspectiva de maior integração.

Com o tempo a Amazônia foi se tornando região atraente para imigrantes nacionais e estrangeiros. E assim, milhares de pessoas vinham para a região em busca de realizar o sonho de riqueza. Nos comentários de Bitar (2010, p. 10):

A vinda de povos diversos em diferentes momentos históricos acabou por constituir na região uma profusão de hábitos e costumes que, misturados com as práticas nativas, fizeram da Amazônia um mosaico de culturas que mexem com o imaginário e despertam a curiosidade de estudiosos e pessoas do mundo inteiro.

Conforme informações de Smith Júnior e Garvão (2013, p. 162) existe grande dificuldade para encontrar dados mais concretos a respeito de colônias de estrangeiros no território amazonense, situação esta que não permite a informação precisa sobre o número de imigrantes para a região. “O que existem são referências isoladas de instituições consolidadas à época que comprovam a presença desses imigrantes circulando pela metrópole de Manaus”, asseveram os autores, complementados que embora falte dados oficiais sobre a situação, existem

⁶ O narrador da trama na obra *Dois Irmãos*, que assume a posição de observador dos acontecimentos como uma testemunha privilegiada, que, por meio de um mergulho na memória, traz os fatos à tona em seu relato, contando as transformações da Manaus, as glórias da *belle époque*, possibilitando perceber dois olhares sobre Manaus: o primeiro da infância do narrador e outro que vislumbra a cidade modificada pelos ecos da modernização na década de 1950 (BORGES, 2009).

evidências indireta de sua extensão e composição. Em anúncios frequentes nos jornais locais da época, pode-se encontrar advogados oferecendo assistência aos estrangeiros que precisassem regularizar documentação para permanência no país ou nacionalização.

Esclarecem Smith Júnior e Garvão, (2013, p. 163), que

esses anúncios não teriam aparecido se não houvesse uma colônia estrangeira bastante numerosa e que permitisse um negócio lucrativo [...] Pode-se deduzir que os imigrantes espanhóis de Manaus, bem como os italianos, os sírios e os libaneses, estiveram envolvidos mais com o comércio do que com a agricultura. O comércio de Manaus estava a “todo vapor”, em função do “Ciclo da Borracha” e por isso a sociedade manauara no início do século XX respirava os ares da modernidade européia, com isso já se formava um público local exigente e acostumado com os requintes gerados pela belle époque.

Com base nessas afirmações, vê-se que em Manaus a presença dos imigrantes se deu também de maneira marcante e determinante para o crescimento econômico da região, posto que eles se espalharam por todos os lugares, manifestando-se, principalmente no comércio das grandes cidades amazônicas.

Dentre os estrangeiros que aportaram no Amazonas estão os libaneses, que ao chegaram na região, transformaram-se em comerciantes e/ou vendedores itinerantes. Nos dizeres de Azize (2006) eram povos imigrantes que buscavam, não a lenda do Eldorado, mas a realidade da moeda.

A presença libanesa em Manaus é tema do livro *Dois Irmãos* no qual Hatoum traça um painel de Manaus no início do século XX, tematizando a vivência dos libaneses Halim e Zana, de seus filhos e agregados, narrando fatos passados, desvendando segredos e comportamentos e mostrando conflitos familiares, além de entrelaçar culturas diferentes.

2.2 O painel da nova vivência e da cultura dos imigrantes libaneses

2.2.1 A chegada e o desafio da adaptação

Simmel entendia o estrangeiro como alguém que aparece em toda parte geralmente como comerciante. Diferentemente do viajante que chega não demora vai embora, o estrangeiro chega e se instala em determinado meio, embora mantendo a posição de não fazer parte daquele, de ter suas próprias qualidades.

Deste modo, proximidade e distância estão presentes nas relações que o estrangeiro mantém com o grupo de determinada localidade. Nas ponderações de Moraes Filho (1983, p. 86):

O estrangeiro está próximo na medida em que sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional ou genericamente humana entre ele e nós. Está distante na medida em que estes laços comuns se estendem para além dele ou para além de nós e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas.

Neste sentido, o estrangeiro é alguém que no grupo expressa proximidade exterioridade, e confrontação. Por serem portadores de linguagem própria, costumes, formas de alimentar-se e vestir-se diferenciados, os estrangeiros acabam muitas vezes não sendo concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular.

Neste nível de reflexão, Borges (2004) comenta que o deslocamento, a desterritorialização do ambiente social, da cultura, a separação familiar, o sentimento do dever de alcançar o sucesso e os ideais projetados para a nova vida, fazem parte da vida do imigrante na sociedade migrada, e nesse processo a adaptação aparece como parte mais difícil, delicada e densa na história dos imigrantes.

Nos comentários da autora citada:

Dada às circunstâncias em que isso se dá, parece aflorar a sua face mais dramática e de possibilidades múltiplas, abrindo-se um leque de alternativas e construções culturais ou identitárias, que vão desde, por um lado, a existência de aspectos de resistência total/parcial, como, por outro lado, a de acomodações sucessivas e negociadas ou não-conflituosas (BORGES, 2004, p. 22).

O Brasil sempre foi um dos destinos mais procurado na América pelos imigrantes, no início do século XX, que para cá vinham influenciados pelas promessas de enriquecimento fácil. Dentre os Estados visados estava o Amazonas, que acenava com a promessa de enriquecimento por conta da exploração da borracha (MAGALHÃES, 2009; NOGUEIRA, 2011).

Muitos imigrantes que chegavam ao Brasil eram agenciados, e o país objetivava, principalmente, atrair estrangeiros europeus para povoar os considerados vazios demográficos, esperando que estes estrangeiros estabelecessem colônias agrícolas. Por conta disso, explica Emmi (2010) o imigrante mais visado era o agricultor e o artesão.

Embora essa fosse a intenção das políticas de imigração do país, Diegues Júnior (1980) revela que uma grande maioria dos que se deslocavam para o Brasil não vinham com a intenção de dedicar-se à agricultura: objetivavam uma atuação em campos que pareciam mais propício à obtenção de lucros rápidos.

Entre estes estrangeiros estavam os sírios e os libaneses, que formavam um grupo com características peculiares: a sua emigração não era subsidiada (a iniciativa de deixar a terra natal era decisão tomada em família e não dependia do financiamento de algum país que estivesse precisando de trabalhadores de outras regiões) e não se enquadravam dentro do perfil de estrangeiro desejável pela elite brasileira, que davam preferência pelos brancos europeus, de cultura próxima a

nacional, bem diferente dos sírios e libaneses possuíam tradição muito diferente da brasileira (DIEGUES JÚNIOR, 1980).

Os sírios e libaneses que chegaram ao Amazonas eram de fato pessoas com identidades culturais diferenciadas, porém esses imigrantes ou estrangeiros contribuíram grandemente com sua cultura milenar que herdaram de seus antepassados e estavam dispostos a trabalhar com o que fosse preciso, para conquistar um estilo de vida mais promissor, pois fugiam da pobreza e da perseguição religiosa. Nos relatos de Azize (2006, p. 30):

Eles vinham de todos os jeitos e das formas mais extravagantes [...] vinham como boa gente, bem vestidos, bem alimentados, pouco saber, mas muitos músculos e fartura de inteligência e audácia. Despidos de qualquer preconceito, no dia seguinte do desembarque no trapiche “Teixeira”, como era conhecido o atual Roadway, já começavam a falar a língua dos habitantes da região. E não sabiam nem que língua era. Trocando o *p* pelo *b*, trocando o feminino pelo masculino, os tempos todos do verbo, aranhando fortemente o *r* do alfabeto [...] se comunicavam sem nenhum esforço.

Assim, surgiram os libaneses em Manaus, desembarcando no porto primitivo, que beirava o lago da Matriz. Aos bandos se dirigiam para o centro da cidade onde se agasalhavam em vilas de quartos habitadas por famílias inteiras, ocupando um único cômodo (AZIZE, 2006).

Depois instalavam-se nas proximidades do Mercado Central onde passavam a morar e a trabalhar, praticando o comércio, com primazia na comercialização de armarinhos, rendas, tapeçarias, tecidos de algodão e assim por diante. “Eles se espalhavam por todas as ruas próximas do mercadão, formando um bairro típico de costumes e tipo de gente, que carregava no semblante a marca da ambição e da aventura”, salienta Azize (2006, p. 31).

Havia, Segundo Antonaccio (1996) e Azize (2006), uma figura típica, o tecoteco (ou teque-teque), comerciante ambulante que carregava as mercadorias nas costas e anunciava a sua passagem batendo duas varas uma contra a outra.

Os mascates libaneses, em sua grande maioria, eram dotados de pouca escolaridade. Ainda assim, conforme observação de Antonaccio (1996) traziam consigo um considerável acervo cultural que incluía, história, poesia, religião, música, canto, a arte da culinária, além de uma grande vontade de trabalhar, uma enorme capacidade criativa, inteligência, persistência e ambição.

Essas singularidades da personalidade dos imigrantes libaneses são encontradas no viúvo Galib, pai de Zana, que chega à cidade por volta de 1914 e logo inaugura um restaurante no térreo de sua residência, que passou a ser ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinhos, que moravam na praça Nossa Senhora Dos Remédios e nos quarteirões que a rodeava, que se encontravam para saborear pescada, tucunaré ou matrinxã recheado com farofa e azeitona, assado em forno de lenha e servido por Galib com molho de gergelim.

Nos relatos de Nael:

Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do Rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto [...] Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta (HATOUM, 2000, p. 48).

Face aos argumentos, é possível dizer que uma obra literária pode ser considerada como o abrigo da memória, o âmago do sujeito, escondido na sua própria história. Neste sentido, a reconstrução de lembranças por parte de personagens imigrantes do Livro Dois Irmãos é freqüente porque como afirma o próprio escritor, “não há literatura sem memória”.

Nas palavras de Hatoum (2008, p. 4):

A pátria de todo escritor é a infância. Acho que o momento da infância e da juventude é privilegiado para quem quer escrever. É onde a memória sedimenta coisas importantes: as grandes felicidades, os traumas, as alegrias e também as decepções. Certamente não estou falando da lembrança pontual e nítida. O que interessa é a memória desfalcada, a memória não lembrada. Isso é bom para a literatura porque aí é que se instala o espaço da invenção.

Nesta perspectiva, a narrativa do livro reproduz as memórias dos freqüentadores do restaurante de Galib, na sua grande maioria, imigrantes libaneses, sírios, judeus e marroquinhos, que ali se reuniam para comer, beber e deixar fluir as lembranças, as fantasias, as vozes do passado.

Lucena (1998), em seu estudo sobre memórias de famílias migrantes comenta que rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, mas sim a releitura do sujeito que a produz em uma sociedade vivida pelo grupo, e as lembranças são imagens construídas, produzindo o conjunto de representações individuais que adquirem um caráter coletivo.

Nesse vai-e-vem entre presente e passado o relato de vida é sempre uma interpretação atual dos fatos passados. Nessa interpretação, memória e imaginação estão mescladas. “Memória e imaginação não se deixam dissociar”. Uma e outra constituem fusão da lembrança e da imagem. O depoente, ao desencadear o fluxo de memória, não consegue evitar as fantasias contidas na imaginação, lapsos, artifícios contidos em interpretações. A subjetividade se apresenta como um componente ativo na elaboração da narrativa e cujo encadeamento se realiza pela alocação de imagens que “falam” do sentimento vivido (LUCENA, 1998, p. 397).

Deste modo, a subjetividade é condição dinâmica na elaboração das representações das experiências vividas, e a partir dela é possível explicar o movimento da memória que permanentemente mantém aproximação e afastamento da objetividade, durante o ato de rememorar.

Nas ponderações de Lucena (1998) as lembranças pessoais são dotadas de preceitos de comportamento, de apresentação de imagens que nem sempre podem

ser tratadas como verdadeiras. Todavia, explica a autora, a relembração utiliza inúmeros espaços, que são referências dotadas de significados, subordinados ao tempo, ao espaço e às relações sociais, familiares, de detalhes de intimidade e de imagens sonhadas.

Neste sentido, cada aspecto dos modos de vida dos imigrantes tem um sentido que muitas vezes parece inteligível apenas para eles próprios, uma vez que existem entre eles vínculos que os ligam ao lugar de origem e ao de destino.

Nos relatos de Lucena (1998, p. 398):

Nas lembranças desses homens e mulheres “não é somente o tempo que vacila, são os lugares, o espaço” e os acontecimentos fortes, tais como mortes, mudanças, causam alterações nas relações do grupo com o lugar e, a partir aí, não será exatamente mais o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva, nem mais as mesmas imagens, nem o mesmo ambiente material (LUCENA, 1998, p. 398).

Com base então, nas análises da autora citada, o olhar para trás, o juntar traços vivenciados no passado reforçam nos imigrantes os sentimentos de pertencimento e assim vão superando a angústia, o medo e os ressentimentos do momento da mudança.

No novo lugar, vai o imigrante construindo relações com as práticas e com as culturas locais. O novo espaço e a família migrante formam, com sua complexidade, imagens para análise das representações do espaço deixado e do conquistado e dos respectivos papéis dos personagens nas condições contraditórias de gênero e geração (LUCENA, 1998).

No caso da inserção dos imigrantes à sociedade brasileira e a interferência desta nos imigrantes, o processo migratório, vai gerar mudanças tanto para os que chegam como para a própria região onde se estabelecem.

Analisando a maneira como esta situação se estabelece, uma vez que os imigrantes e a sociedade receptora são marcados por variáveis culturais que atuam de forma ativa e significativa, Borges (2004) comenta que a relação estabelecida entre os imigrantes e a sociedade brasileira é permeada por ajustes culturais e se estabelece a partir de muitos elementos diversos, em diferentes momentos, os quais irão também estabelecer diferentes 'adaptações'.

2.2.2 A família no contexto social do Brasil e a perspectiva dos imigrantes

Para a literatura sociológica, a família apresenta reflexo da teoria funcionalista que dominou, segundo Bruschini (1989) o pensamento norte-americano, a partir da década de 50, tendo grande reflexo sobre a família brasileira.

Para Bruschini (1989), o maior expoente dessa corrente foi Talcott Parsons, que entendia a família como uma agência socializadora, cujas funções concentram-se na formação da personalidade dos indivíduos. Nesta perspectiva, os indivíduos membros de uma família possuem distintos e complementares papéis, que influirão na definição dos gêneros. Em outros termos, há a definição dos papéis sociais que cada indivíduo do grupo vai desempenhar perante a sociedade.

No caso da família brasileira, esta tem sua formação alicerçada na diversidade de influências portuguesa, indígena e africana. Além disso, tendo-se em conta as dimensões continentais do país, núcleos de outras culturas foram formados, deixando traços marcantes até no tipo físico (SOUSA, 2000).

Traçando um panorama do modo de família resultante do patriarcalismo, a monocultura latifundiária escravocrata que dominou de maneira ampla a sociedade brasileira por séculos Freyre (2006) revela que a partir de 1532, a colonização portuguesa no Brasil caracterizou-se pelo domínio quase exclusivo da família rural ou semi-rural, e que a este domínio somente a igreja fez sombra, por meio da

atividade, às vezes hostil ao familismo dos padres jesuítas. Desse modo, afirma o autor:

A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado [...] é desde o século XVI o grande fator colonizador do Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala fazenda, compra escravo, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase reina sem governar (FREYRE, 2006, p. 81)

A verdadeira formação social do povo brasileiro ocorre a partir de 1532, tendo por unidade a família rural e semi-rural, quer por meio de gente casada vinda do reino, quer por meio de famílias constituídas na região brasileira pela união de colonos com mulheres caboclas ou com moças órfãs ou mesmo mulheres em situação de desprestígio que vinham de Portugal, enviadas pelos padres casamenteiros.

Nestas famílias sob forma patriarcal, o homem via a mulher como um ser diferente daquilo que ele era. Ele era o sexo forte, nobre e belo; a mulher era o sexo fraco. De acordo com Freyre (2004), a beleza que se queria da mulher dentro do sistema patriarcal, era de uma beleza mórbida, tipo franzino, quase doente, ou então gorda, mole, caseira, maternal, coxas e nádegas largas.

No entendimento de Freyre (2004, p. 207):

Talvez nos motivos psíquicos da preferência por aquele tipo de mulher mole e gorda se encontre mais de uma raiz econômica: principalmente o desejo, dissimulado de afastar-se a possível competição da mulher no domínio, econômico e político, exercido pelo homem sobre as sociedades de estrutura patriarcal.

Ao compreender os motivos da supremacia do homem em detrimento da mulher na sociedade patriarcal, Freyre (2004) deixa claro que a exploração desta pelo homem, que por longo tempo predominou no Brasil, convinha a extrema especialização e/ou diferenciação exagerada dos sexos, e esta justifica o chamado

padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico e dando a mulher apenas a obrigação de conceber, parir e criar o filho.

Além disso, esclarece Freyre (2004), esse padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dava também ao homem todas as oportunidades de iniciativas, de ação social, de contatos diversos; enquanto às mulheres era dando apenas a oportunidade das artes domésticas, do contato com o filho, a parentela, as amas, as velhas e os escravos.

Muitas mulheres devem ter se salvado da loucura [...] no confessionário [...] Confessavam-se, elas desintoxicavam-se. Purgavam-se. Era uma limpeza para os nervos e não apenas para suas almas ansiosas do céu onde as esperavam seus filhinhos anjos [...] A extrema diferenciação e especialização do sexo feminino em “belo sexo” e “sexo frágil”, fez da mulher de senhor de engenho e de fazenda e mesmo da laiá de sobrado no Brasil, um ser artificial, mórbido. Uma doente, deformada de corpo para ser a serva do homem e a boneca de carne do marido (FREYRE, 2004, p. 208).

A condição subalterna da mulher no Brasil colonial era, conforme relatos de Wehling e Wehling (1999) uma herança de antigas tradições cristalizadas, tendo por base a autoridade intelectual de Aristóteles⁷ e de outros filósofos e pensadores, além de se encontrar profundamente enraizada na legislação civil e canônica.

Apesar do abrandamento das restrições no Código Justiniano e no direito canônico medieval, em relação a posições anteriores, as mulheres ficaram numa condição de inferioridade e de franca dependência, face ao marido (WEHLING e WEHLING, 1999, p. 278).

Desta maneira, a sociedade colonial, com seus valores hierárquicos e patriarcais, apoiados em uma legislação severa, frisam Wehling e Wehling (1999), destinavam a mulher, forçosamente, a uma condição inferior, acentuando-lhe o

⁷ Aristóteles via a mulher como um homem não completo, para ele todas as características herdadas pela criança já estavam presentes no sêmen do pai, cabendo a mulher somente a função de abrigar e fazer brotar o fruto que vinha do homem, ideia esta aceita e propagada na Idade Média (SANTANA, 2015).

caráter subalterno, muito especialmente da mulher pobre ou escrava, que era sempre objeto de trabalho e de prazer.

O sistema hierárquico e patriarcal também se fez presente na Manaus do século XX, cuja sociedade, segundo Peres (2002), adotava padrões de comportamento rigidamente vitorianos, com os valores bem estabelecidos e nunca desafiados abertamente e, se violados, as aparências deviam ser mantidas a todo custo, sob pena de sanções sociais, às vezes ostensivas, às vezes dissimuladas, mas sempre eficientes.

As famílias, do tipo patriarcal, era também centrada na figura do pai, cuja autoridade jamais poderia ser contestada. A mãe era respeitada, ouvida, mas tinha papel secundário e mantinha-se submissa ao marido, a quem cabia tomar as decisões na família.

Tratava-se de um problema de ordem cultural, para o qual concorria grandemente a dependência econômica da mulher, que geralmente não possuía fonte de renda. Contavam-se nos dedos as mulheres casadas que trabalhavam fora de casa e muitas que tinham emprego, quando solteiras, pediam demissão depois de casadas, por imposição dos maridos. Para uma senhora da classe média, trabalhar implicava em perda de *status*, além de atrapalhar as suas funções principais, que consistiam em administrar o lar e cuidar do marido e dos filhos (PERES, 2002, p. 41).

Conforme as premissas de Bourdieu (2002), a força da ordem masculina se evidencia no fato de que esta força dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e sem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. Nas explicações do autor:

A ordem social funciona como uma máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou no interior desta, entre a parte masculina, com salão e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. O mundo social (BOURDIEU, 2002, p. 9).

Para Bourdieu (2002), a visão androcêntrica é continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina; pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do *preconceito desfavorável* contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito.

E antes de conquistar alguns espaços na sociedade, a mulher vivia, como argumenta Souza (2010, p. 123) para servir ou para ser subserviente ao seu senhor. “Servir e obedecer. O silêncio e a resignação foram por muitos anos a marca da mulher. Desejos reprimidos, ausentes, ardentes, porém trancafiados na consciência e no seu desejo em vão”, assinala o autor.

Retomando as questões alusivas à família, pode-se dizer que as interpretações clássicas destas na atualidade sugerem que ela não é uma soma de indivíduos, mas um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade. A família é o centro da vida efetiva do indivíduo, na qual as relações sociais refletem a busca de segurança, sustento e proteção (BRUSCHINI, 2005; LUCENA, 1998).

Segundo Borsa e Nunes (2011), os principais questionamentos a respeito da família e acerca do papel dos homens e das mulheres tiveram início após a Segunda Guerra Mundial, quando se passou a presenciar mudanças no papel feminino, o surgimento dos contraceptivos, a ascensão profissional da mulher, o divórcio, entre outros, que levaram a alterações significativas e contribuíram para o declínio do modelo tradicional familiar.

Apesar das mudanças ocorridas na família, a diferença de papéis entre homens e mulheres ainda é uma realidade, especialmente no que se refere às famílias com menor poder aquisitivo (BORSA e NUNES, 2011).

No que se refere à família migrante, ela, segundo Oliveira (2008) há milênios vêm se espalhando pela terra, deflagrando uma miscigenação contínua em diversos aspectos da realidade sociocultural, tornando o ser humano cada vez mais pertencente, por consanguinidade ou por doação, a contextos multiculturais (OLIVEIRA, 2008).

Conquanto, nos imigrantes o vínculo com a pátria que ficou para trás é forte e segundo Lucena (1998) encontra-se presente no espírito familiar e nos costumes que revelam tradições, e a quem cabe oferecer suporte no difícil momento de transição.

Nessa linha de pensamento, Namur (2015, p. 1) comenta:

Na longa história de entrelaçamento entre Oriente e o Ocidente, o imigrante árabe, ao sair de seu país de origem em busca de um novo destino, migrando de um mundo para outro, leva consigo uma bagagem cultural armazenada de suas origens. Ao passar à condição de imigrante e viver uma nova realidade em uma nova cultura, muda padrões de comportamento, muda seu ser e seu agir, operando transformações no seu modo de vida.

Os argumentos acima podem ser uma chave para analisar as famílias libanesas que se estabeleceram em Manaus, que tinham crenças e línguas diferentes, mas segundo Azize (2006), aqui chegando exercitaram sua habitualidade, pois ainda que a cultura árabe seja uma das mais conservadoras do mundo, é também receptiva.

Namur (2015) por sua vez comenta a situação vendo essa imigração como um traslado de um hemisfério a outro, como se o Oriente se hospedasse no Ocidente. Esses opostos geográficos, explica a autora, acompanham as diferenças culturais desses dois mundos que se encontram.

A cultura árabe é centrada na figura do pai e do irmão mais velho, em caso de ausência do primeiro, uma vez que o homem da família é o provedor das

necessidades da casa e a ele deve-se prestar reverência e respeito. Neste universo o papel da mulher é o de cuidar da casa, dos afazeres domésticos (MURAD, 2015).

Conquanto, no processo de migração, lembra Namur (2015) o imigrante árabe traz de seu lugar de origem uma imagem e uma construção feminina.

Pela tradição oriental, Sherazade, a heroína de “Mil e uma noites”, poderíamos dar um panorama do mito da mulher árabe astuta, inteligente, nobre, culta, eventualmente bela e, sobretudo, uma fabulosa contadora de histórias. Outra imagem seria a beduína, habitante do deserto, mulher intrépida, que enfrenta as circunstâncias mais adversas. A dançarina, dispensadora de encantos e mistério, é outro mito dos sonhos e das “Mil e uma noites” árabes. Que mulher é essa que o imigrante transporta de uma cultura a outra? Que mulher ele traz das suas origens e como vê a mulher brasileira? A “cabrocha”, a “Chica da Silva”, a bela mulata dos trópicos ou outras imigrantes? (NAMUR, 2015, p. 3).

Dessa maneira, buscando compreender a visão de mulher que o imigrante árabe passa a ter a partir do encontro com as concepções de femininas gestadas no Brasil, Namur (2015) afirma que ao se pensar os costumes, as memórias e visão de mundo que operam na vida dos emigrados, a questão da mulher se torna relevante, uma vez que esta é sempre vista como um elemento fundamental na transmissão da cultura em um encontro de imigração, quando os valores culturais são ameaçados de dissolução em novo ambiente.

Neste contexto, Namur (2015) coloca a literatura como uma referência cultural, uma vez que esta expressa a tensão entre permanência e transformações de elementos culturais e, desse modo, da imagem de mulher. No parecer da autora:

Os poetas percorrem caminhos em busca de origem, identidade e diálogo em relação às culturas vivenciadas. Atravessam continentes fazendo florescer o desejo de ver restaurada a cultura ancestral. Mas, há também no movimento sincrético [...] com implicações políticas e sociais, que funciona como uma fuga do imigrante com dificuldade de adaptação por variadas rejeições bilateral ou, tomado de melancolia, foge para um passado inacessível, ou ainda viaja pelas salas escondidas da memória, tentando reconstruir através de versos o poema da terra de origem, lá onde deixou fincada e imóvel a sua raiz primeira. As outras são *rizomas* a que vai tentando adaptar-se (NAMUR, 2015, p. 11).

Nesta busca empreendida surge a imagem feminina que conduz o imigrante ao mundo familiar, ao universo de dentro a casa, os faz voltar ao lar, à pátria, à mãe ressignificada. Segundo Namur (2015), são memória de um mundo longínquo que necessita ser recuperado do passado em ruínas e que é também presente e identidade.

Essa dupla morada - que os faz habitar em duas culturas, em dois mundos, em duas casas - impulsiona a criação de uma escritura literária que reflete igualmente esses dois universos, de onde provêm as vivências e o material histórico de suas experiências. O conteúdo ideológico que permeia suas obras e seus poemas estabelece um diálogo entre as duas culturas (NAMUR, 2015, p. 11).

A propósito disso, a cultura árabe se faz presente na literatura brasileira, podendo-se citar o escritor Jorge Amado que, segundo Villar (2008), tendo assistido a chegada dos imigrantes árabes e testemunhado seus esforços e suas estratégias de acomodação e sobrevivência na nova terra, alimenta suas obras com as lembranças dessa convivência amigável e duradoura desde sua infância, criando um modelo narrativo marcado acintosamente pela presença árabe, em íntimo contato e solidariedade com o mundo brasileiro.

Nesse 'patriotismo regional', cita o autor, que Jorge Amado gera um mundo ficcional habitado pelos imigrantes árabes, tornando-os elementos da própria identidade cultural brasileira, promovendo a transfiguração dos personagens, que passa a ser membros da sociedade, indissolivelmente entranhados ao país.

Nesta perspectiva, comenta Villar (2008, p. 46);

Nesse entranhamento, circulam na obra de Amado, apesar do sotaque árabe, os mais variados tipos nacionais, do malandro ao capitão da areia, atendendo ora por nomeações brasileiras, como é o caso de Dona Maria e de Dona Fifi, personagens árabes femininas [...] como é o caso do próprio Nacib que, representado ao longo da narrativa, continuamente *bom brasileiro*, se manifesta, em momentos de emoção, na língua árabe.

Nessa metamorfose dos personagens árabes em tipos brasileiros, Jorge Amado consegue não somente naturalizá-los, mas segundo Villar (2008), inseri-los em todas as esferas da vida brasileira sejam elas públicas ou privadas. Desfilam, portanto, pela obra de Amado, o brasileiro-árabe mascate, o comerciante (como o proprietário de bar, Nacib, o proprietário de loja de calçados) e tantos outros tipos como o fazendeiro, o vagabundo, o contrabandista, o intelectual, o poeta, o alfaiate, a prostituta dançarina, o estudante e assim por diante.

No Estado do Amazonas destaca-se Milton Hatoum, filho de imigrantes libaneses. Segundo Villar (2008), Hatoum assina sua construção identitária do Brasil, por meio da reciprocidade cultural entre o mundo árabe e o mundo de Manaus, representando elementos indígenas igualmente 'emigrado' de sua aldeia, como é o caso da índia Domingas, sem deixar de captar as transformações históricas e étnicas na antiga morada dos índios manaós, após os quinhentos anos de conquista e de colonização européia, e de utilizar os gazais de Abbas como elementos de mediação amorosa dos personagens Halim (muçulmano) e Zana (cristã maronita).

Essas construções aparecem nos relatos de Nael (HATOUM, 2000, p. 51):

Os gazais de Abbas na boca do Halim! Parecia um sufi⁸ em êxtase quando me recitava cada par de versos rimados. Contemplava a folhagem verde e umedecida, e falava com força, a voz vindo de dentro, pronunciando cada sílaba daquela poesia, celebrando um instante do passado. Eu não compreendia os versos quando ele falava em árabe, mas ainda assim me emocionava.

⁸ Pouco conhecido no Brasil, o Sufismo (Sufi) é uma fraternidade espiritual nascida na antiga Pérsia e marcada pela busca de liberdade interna. Seus adeptos são na maioria artistas, poetas, músicos, dançarinos, atores, que se utilizam da arte como meio de afinar sua espiritualidade. O caminho dos sufis rumo à realização espiritual passa sempre pelo coração. Ser sufi significa viver um caso de amor com espiritualidade, envolvendo a paixão fervorosa de um amante e a maturidade tranqüila de um amor fraterno (TORNAGHI, 2015).

Todavia, embora a cultura árabe esteja presente tanto nas narrativas de Milton Hatoum, o próprio escritor faz questão de deixar claro que não se trata de saga de imigrantes: “Eu trato de personagens que já estão adaptados à sociedade amazonense. O drama deles não é a nostalgia, a volta ao país de origem” sintetiza Hatoum (REVISTA HISTÓRIA, 2009, p. 5).

Logo, a literatura de Milton Hatoum tem, na construção ficcional a problemática da constituição identitária da Amazônia. De maneira instigante, Hatoum vê a região não somente por seus traços associados à floresta, rio, índio ou outro elemento exótico, mas procura observar a margem sem fixidez, com ímpetos de mobilidade e instabilidade, sugerindo um deslocamento do olhar para a cidade, focalizando nela conflitos, contrastes, desigualdades, solidão, tristeza, e transformações (PENALVA e SCHNEIDER, 2012).

3 MILTON HATOUM: O CRONISTA DE *DOIS IRMÃOS*

Não há gêmeos na minha família. E eu não sou o Nael, não sou o Lavo, não sou essa mulher do primeiro romance (evidente), mas alguma coisa de mim está neles, ou eles estão dentro de mim. E há um momento em que esta simbiose é tão forte que você não se separa do narrador.

(Milton Hatoum)

Pode-se dizer que o romance possui algo das relações sociais estruturadas e o modo como elas se internalizam na consciência do autor que se expressam por meio dos personagens, de seus dramas, que mostram o sofrimento das classes sociais, a recuperação da memória, condições estas muitas vezes filtradas pela experiência pessoal e verdadeira do autor.

Essa é uma possível chave de leitura da obra de Milton Hatoum, que revela uma tentativa de resgate de memória pessoal de tonalidade intimista, mostrando um desejo de associar aos percursos das personagens, a abordagem de traços definidos por sua feição individual, forjados por características que brotam da vivência familiar, da vivência coletiva ou mais precisamente do universo manauara e das origens vinculadas ao universo cultural dos imigrantes libaneses (SILVA, 2014).

O romance *Dois Irmãos*, elemento de análise neste estudo, tem como pano de fundo a cidade de Manaus, com seu porto à beira do Rio Negro, as casas de comércio, as tabernas, os prostíbulos. No enredo estão os gêmeos Yaqub e Omar, figuras profundamente entrelaçadas à abordagem da vida da família, cuja vivência se desenrola em torno da relação que estabelecem com a matriarca Zana que, ao demonstra afeição maior para com o filho Omar, acaba com essa preferência por desencadear ódio e rivalidade entre os irmãos com conseqüências trágicas.

Estes e outros assuntos serão mais bem detalhados no decorrer deste capítulo que privilegia uma análise a respeito do romance *Dois irmãos*, e do autor,

descrito por muitos como um escritor que parece ter à sua frente um caldeirão fervente de todos os ingredientes necessários à criação literária de boa qualidade, que junta a cultura libanesa da sua infância, à efervescência de Manaus e expressões universais do drama humano em busca do sentido para sua existência.

3.1 Olhar reflexivo sobre a vida de Milton Hatoum e das singularidades de suas obras

Milton Hatoum, descendente de brasileiros e de imigrantes árabes e que nos últimos tempos vem conquistando leitores em todo o país e reconhecimento por parte da crítica nacional e internacional, nasceu em Manaus em 19 de agosto de 1952, onde passou toda a sua infância e parte de sua juventude, e onde conviveu com contadores de história, narradores das lendas amazônicas, ribeirinhos e narradores orientais que imigraram para a cidade.

Estudou no colégio Barão de Rio Branco, escola pública primária que atendia às famílias da elite manauara, sendo mais tarde aluno do Colégio Estadual do Amazonas, que na época chamava-se Ginásio Amazonense D. Pedro I, que também recebia os filhos da elite política e econômica de Manaus.

De acordo com Leal (2010) a acumulação do capital econômico obtido pela empresa do avô materno de Hatoum possibilitou ao escritor uma formação escolar de qualidade e conseguiu, mesmo que de forma limitada, fazer parte de uma elite, não econômica, mas intelectual.

Seu pai e seus avós maternos eram libaneses e segundo relato de Toledo (2006), seus avós mal falavam o português e a avó cristã marotina e educada em um colégio de freiras em Beirute, só rezava em francês. Seu pai, que cresceu no Líbano sob o comando francês e oficiais e membros da França colonialista, passava

horas falando para o filho sobre a resistência árabe, de como a França e a Inglaterra haviam dividido política e militarmente o Oriente Médio, entre outros assuntos.

À época da infância de Hatoum, Manaus, entre 1950 a 1960, vivia isolada e como não havia televisão, as histórias que ouvia eram as contadas pelo seu avô Mamede, considerado pelo próprio escritor como um grande contador de histórias envolvendo aventuras, anedotas, dramas dos imigrantes, histórias de vizinhos.

Em uma entrevista concedida à Agência de Notícias Brasil-Árabe (DANIEL, 2009), Hatoum revela que as histórias que ouviu na infância sobre o Líbano, país de origem de sua família ajudaram a estimular a sua imaginação e grande parte delas era contada pelo seu avô. “Ele contava para os netos e muitas me impressionaram”, salienta o autor.

Aos quinze anos, Hatoum deixou Manaus para morar em Brasília. De acordo com os relatos de Toledo (2006), essa mudança foi um grande desafio, pois iria ficar longe dos pais, da família, de Manaus, cidade portuária, festeira e com vida noturna bastante agitada.

Por pouco não voltou. Em Brasília, no auge do regime militar, tinha a impressão de que havia um delator em cada superquadra. Era horrível. Estudou no Colégio de Aplicação da UnB, escola de elite, muito politizada. Ali leu Sartre, Camus, Graciliano Ramos e os grandes poetas brasileiros. Tudo debaixo de uma atmosfera opressiva, uma ameaça constante, como nos livros de Kafka (TOLEDO, 2006, p. 20)

Na década de 1970, muda-se para São Paulo, diplomando-se em arquitetura pelas USP, mas sempre conservando a paixão pelas artes. Trabalho como jornalista na revista Isto É, e foi professor universitário de História da Arquitetura, por dois anos, em Taubaté.

Nesse período também fez curso de Letras na USP, sendo aluno de Arrigucci Jr., Ademar Chiapim, Alfredo Bosi, ocasião em que dedicou-se a leitura de muita

ficção e poesia hispanoamericana, lendo também Marcel Proust, William Faulkner, Joseph Conrad, além de grandes pensadores russos do século XIX e Guimarães Rosa e Edward W. Said, autor de vários livros sobre crítica literária, música e estudos culturais.

Final da década de 1970 viaja para Madri como bolsista de uma instituição ibero-americana. Depois muda-se para Barcelona, onde atuou como professor de português e trabalhou na tradução de romances de Jorge Amado para o Espanhol.

Em 1981 transfere-se para Paris, onde começa um doutorado na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle) e onde permaneceu por mais de três anos, escrevendo, neste período um longo ensaio sobre narrativa hispano-americana e começou a esboçar seu primeiro romance. Em 1984, decide interromper o doutorado e retornar para Manaus (TOLEDO, 2006).

Em 1989, lança o romance *Relato de um, certo Oriente*, pela Companhia de Letras, uma das mais importantes editoras do país. O romance conquista espaço tanto na crítica literária como nas matérias de jornais, sendo também indicado para várias traduções no mundo como França, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos e Líbano, chegando a seu momento maior, quando o ganha o Prêmio Jabuti, o principal prêmio de literatura brasileira, conferido pela Câmara Brasileira do Livro – CBL (LEAL, 2010).

Consolida-se assim o escritor Milton Hatoum, cujas obras já venderam aproximadamente 200 mil exemplares no Brasil e fora dele, sendo reconhecido como um, dos maiores representantes da nova geração de escritores brasileiros.

Conforme observações de Vieira (2007) a obra de Hatoum rompe com a herança temática em que a imagem do universo regional recai sobre o exótico e o natural, quando explora as regiões interioranas brasileiras, colocando em cena a

dura realidade dos seringais, dos latifúndios de cacau ou do garimpo, ou ainda focando a vida nos centros urbanos, expondo os embates vividos pelo homem citadino que parece perder suas referências individuais em face do sentimento de isolamento, ansiedade e alienação.

As narrativas hatounianas [...] são alocadas em Manaus, cujos aromas e mistérios envolvem o leitor na viagem da memória de seus narradores. Contudo, a inserção das ações na paisagem amazônica não se dá por causa do erotismo das belezas naturais do lugar, nem se atém à exploração da figura do índio massacrado pela tirania colonizadora, nem mesmo à presença marcante do imigrante europeu em busca de enriquecimento em terras estrangeiras (VIEIRA, 2007, p. 11).

Neste entendimento, Hatoum, ainda que mantenha os elementos citados ao fundo de suas narrativas, procura enveredar por outras temáticas, relatando situações de famílias desestruturadas, misturando experiências e lembranças pessoais e de relatos das pessoas mais velhas da família.

[...] Eu misturei vozes da família e vozes de outras pessoas, de libaneses, de judeus, amigos que moravam na Espanha e na França, que me contavam histórias do Marrocos, da Síria [...] é muito curioso: há vozes que não são da minha família, mas de outras *tribos*, de outros *clãs* (HATOUM, 2008, p. 2).

Sem significar confissão, seus escritos são textos de memória sem ser memorialístico. Nas argumentações de Vieira (2007), a memória que aparece em primeiro plano está em confronto com o esquecimento, que percorre dois mundos que se mesclam e que se dão a conhecer no texto, por meio das experiências dos personagens: o mundo manauara e o mundo do imigrante, mundos esses que se interpenetram e se delineiam pela saga da família libanesa radicada em Manaus.

Nas palavras de Hatoum (2008, p. 2):

A cultura árabe foi importante na minha infância. Um escritor quase sempre reinventa sua infância e juventude. Meus parentes não se reconhecem nos personagens dos romances, mas alguma coisa deles está presente nesses personagens. Eu ouvia histórias de Beirute, de Batroun, do sul do Líbano e ficava fascinado por esse mundo tão distante e tão próximo. De algum modo, meu pai e meus avós maternos foram ficcionistas antes de mim. Sem que eu soubesse, muita coisa do que eu ouvi sobre o Líbano iria estimular minha imaginação.

Sobre a presença do contexto sociocultural de Manaus, cidade onde nasceu, presente em seus escritos, diz Hatoum (2008, p. 2):

A convivência com contadores de história, narradores da Amazônia, tais como peixeiros, ribeirinhos, contadores populares, com narradores orientais que imigraram para a Amazônia, constituem a força da narração de Milton Hatoum. Além disso, Hatoum prefere correr riscos e andar na fronteira de mundos distintos, justapondo o “culto” e o coloquial, o simbólico à realidade circundante e palpável. Trilhando o “caminho do meio”, em um espaço intervalar, no enalço de problematizar as identidades da região antes ditas homogêneas, o autor mistura elementos de culturas díspares para vislumbrar, na Amazônia, subjetividades em movimento, que resultam de processos descontínuos (PENALVA e SCHNEIDER, 2012, p. 25).

As memórias e as biografias segundo Miceli (2008) mostram algumas experiências por meio das quais os escritores, muitas vezes sem se darem conta, buscam justificar sua ‘vocação’ ou se empenham em reconstruir as circunstâncias sociais que, no seu entendimento, se impõem na raiz de suas inclinações para o ato de escrever.

Desse modo, para o autor citado, se os escritores insistem tanto em descrever as circunstâncias em que se sentiram atraídos pelo trabalho simbólico, quase sempre evocando personagens inspirado em um parente, nas lembranças da escola, das brincadeiras da infância, é porque nunca conseguem ocultar de todo, os rastros que possibilitaram reconstruir as determinações sociais de sua existência.

Nos contos de Milton Hatoum suas histórias não são resultados do acaso e nem do fazer aleatório. O passado de sua família é reestruturado pelos relatos de

seus personagens e pode-se detectar, em suas obras, o modo como o escritor realiza uma espécie de fabulação de sua infância e de como Manaus projeta-se não somente como espaço geográfico, mas como o lugar do desejo (LEAL, 2010; VIEIRA, 2007).

Em 2000, Hatoum lança o livro *Dois Irmãos*, que tematiza o drama familiar de uma família libanesa, envolvendo a rivalidades entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, conflitos e impasses, marcados por relações incestuosas. Nesta obra, construída com fragmentos de memória de Nael, o escritor cria personagens ligados ao contexto urbano de Manaus, percebendo-se nela a mistura de libaneses com a população local.

A partir desta obra Milton Hatoum consolida-se como um dos escritores mais expressivos da literatura brasileira na atualidade.

3.3 O livro *Dois Irmãos* – Um passeio pelas relações familiares e sociais

A obra *Dois Irmãos*, narrado em forma de *flashbacks* começa com Zana no leito de morte, usando o pouco que lhe restava de lucidez para saber se filhos já haviam feito as pazes.

A história percorre um período cronológico que vai de 1914 até meados da década de 1960, contando a história da rivalidade entre dois irmãos (gêmeos), filhos de Halim e Zana, ambos de origem libanesa, que vivem em Manaus, uma cidade que observa o alargamento de sua decadência, após o declínio da efervescência econômica e cultura patrocinada pelo apogeu da borracha.

Todo o desenrolar da trama é narrado por, Nael, filho da índia Domingas, a empregada da casa, que tem posição de agregado, ora secundária, ora privilegiada, e que por longos anos acompanhou todo o trajeto de vida das pessoas daquela

família, testemunhando, calado os acontecimentos que se desenrolavam no dia a dia de cada membro, e descrevendo um a um em suas atitudes e personalidades, como:

- Halim, um aprendiz de mascate, apreciador dos prazeres da vida, dado à nostalgia, marido apaixonado, desolado por ter que disputar o amor da mulher, depois do nascimento dos filhos;

- Zana, filha do libanês e viúvo Galib, dono de um restaurante perto do porto. Mulher bonita e forte, que tinha dedicação extrema ao filho Omar, de personalidade indisciplinada, intempestiva, de quem se podia esperar ações inesperadas e corajosas;

- Yakub, introvertido, dedicado ao estudo, e com atitudes de conquistador, que foi separado da família ainda adolescente, como uma tentativa de abrandar o já latente conflito com o irmão Omar;

- Omar, o que detinha a preferência da mãe, desinteressado pelo estudo, arruaceiro, brigão, mais tarde um adulto dado ao ócio e à boemia;

- Rânia, a irmã mais nova, que resiste ao casamento para dedicar-se ao comércio e que também demonstra uma relação muito forte por Omar, sugerindo um sentimento incestuoso pelo irmão; e

- Dominga, a índia que Halim tirou de um orfanato ainda menina e que se torna a empregada fiel da casa, sua mãe, que em silêncio sofria as humilhações.

Buscando-se analisar o papel de cada personagem do romance, a começar por Nael, por meio do qual se pode conhecer toda a trama da história, este teve uma infância marcada pela exclusão e depois de adulto, luta para encontrar sentido para a própria existência.

Em suas palavras:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe (HATOUM, 2000, p. 73).

Nesta caminhada, Nael mergulha fundo nas lembranças de um passado que guarda acontecimentos marcantes e até mesmo traumáticos, mas onde supõe encontrar respostas para suas dúvidas e indagações a respeito de sua origem. Esse retorno ao passado na verdade significa o desejo de Nael de moldar a identidade de um pai que não conhece e reconstituir a sua própria história de vida.

Anos depois desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto, deixava-se cheio de dúvidas, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. Eu sofria com o silêncio dela [...] Muitas vezes ela ensaiou, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava e eram olhos tristes (HATOUM, 2000, p. 73).

Como não conhece todos os acontecimentos que ocorreram antes de seu nascimento, Nael, segundo Bolognin (2015) faz uso das memórias de outros personagens, principalmente de Halim e de Domingas, que aos poucos vai lhe revelando os mistérios do seu nascimento.

“Quando tu nasceste, seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa... Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele disse, o nome do pai dele [...] Eu sentia que o velho gostava muito de ti (HATOUM, 2000, p. 241).

No romance *Dois Irmãos*, portanto, Nael surge como narrador e também personagem da trama. Segundo Ceccarelo (2011b), enquanto narrador, este personagem aparece como uma presença ausente, advindo daí um paradoxo que é a chave para a compreensão de sua narrativa.

Nos esclarecimentos de Ceccarelo (2011b, p. 82):

Ao mesmo tempo em que é o epicentro do romance, o portador do discurso e aquele que narra os acontecimentos de toda a família, Nael não se mostra ou se deixa entrever muito pouco nas linhas do romance. Estava perto o suficiente dos fatos para poder narrá-los posteriormente, mas estava longe o bastante para não participar da vida familiar.

Na ótica da autora, isso acontece em função da condição periférica de Nael dentro da família, frente ao seu não reconhecimento como parte dela, situação esta que também é resultado de sua condição de agregado, vivendo na casa a custa de pequenos favores, reaproveitando as roupas e os livros dos irmãos gêmeos, sendo também o porta voz de Zana na dinâmica das fofocas da vizinhança.

Tinha licença para freqüentar o interior da casa, sentar no sofá, ainda que fossem momentos raros; podia sentar à mesa com os donos, comer a comida deles e beber o que eles bebiam, e podia freqüentar escola, embora fosse limitado no direito de ter a sua educação como prioridade, porque como prioridades estavam os afazeres determinados por Zana.

Eu contava os segundos para ir à escola, era um alívio. Mas faltava às aulas duas, três vezes por semana. Fardado, pronto para sair, o ordem de Zana azarava a minha manhã na escola: Tens que pegar os vestidos na costureira e depois passar no Au Bom Marché para pagar as contas". Eu bem que podia fazer estas coisas à tarde [...] Eu atrasava as lições de casa, era repreendido pelas professoras, me chamavam de cabeça-de-pastel, relapso (HATOUM, 2000, p. 88).

Na sociedade elitizada do Brasil da primeira metade do século XX, a igualdade de oportunidades era, segundo Santos (2015), quase uma utopia, pois poucos eram aqueles que conseguiam só pelo esforço pessoal, chegar aos patamares mais altos da pirâmide social, muito especialmente tratando-se de educação.

Por esta época, enquanto os filhos das famílias mais abastadas iam para o exterior concluir seus estudos, grande parte dos filhos das famílias pobres eram analfabetos. As escolas públicas eram criadas com a finalidade e democratizar o ensino, mas eram, na sua grande maioria, destinadas às classes mais privilegiadas. Na cidade de Manaus, havia muitas escolas públicas que atendia somente à elite manauara (SANTOS, 2015).

Um estudo realizado por Florestan Fernandes (1960 apud CORTINHAS, 2009) revelou que no Brasil, em 1872, apenas 16% da população sabia ler e escrever e que no mesmo período, 84% da população não o sabiam; em 1920, período de industrialização no país, 35% da população sabia ler e escrever, enquanto 65% não sabiam; em 1950, 49% da população sabiam ler e escrever e 50% não sabiam.

Deste modo, fica claro que a educação brasileira, há muito vem carregando um caráter excludente. No caso de Nael, era-lhe permitido estudar, mas não lhe era permitido priorizar sua escolarização por tratar-se de um agregado. “[...] O caçula bufava [...] Nunca suportou me ver estudar noite adentro, concentrado no quartinho abafado. As noites eram minhas esperanças remotas” (HATOUM, 2000, p. 88).

As imagens e as lembranças evocadas por Nael são provocadas pelas circunstâncias testemunhadas que deram forma aos conflitos de uma família nascida do amor impetuoso de Halim por Zana.

Halim aparece no enredo como um homem simples, sem grandes ambições, de caráter passivo e desprovido da firmeza de um tradicional chefe de família do estilo patriarcal, com pulso fraco diante das decisões envolvendo a família.

Halim que apreciava andar pela orla portuária da cidade, entrar em uma taberna e tomar uns tragos ou comer um jaraqui frito, conversar com pescadores,

carroceiros, carregadores. “A vista do Mercado Municipal e seus arredores, isso o velho Halim apreciava” (HATOUM, 2000, p. 133).

Halim que mantém relação conflituosa com o filho Omar, com quem não aceita dividir o amor de Zana, possui afeto por Nael, com quem divide suas lembranças e algumas vezes problemas que o atormentam e que ao morrer, de forma passiva como sempre viveu, lamentava a perda das paisagens de Manaus.

Segundo Moraes (2012), Halim era um homem pusilânime, que só se agigantava quando o assunto era o relacionamento com a esposa, que entrou em sua vida aos quinze anos, uma paixão que fazia dele um romântico tardio, capaz de abdicar de qualquer ponto de vista em função do amor que sentia por Zana, que por sua mandava e desmandava na casa, na empregada e nos filhos, enquanto Halim permanecia como um homem paciente, apaixonado e ardente, “engolindo cobras e lagartos” e fazendo-lhe todas as vontades, mimando-a, tocando o alaúde só para ela.

Ele me contava cenas de amor com a maior naturalidade, a voz pastosa, pausada, a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado de suor, molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopéia de gozo e riso (HATOUM, 2000, p. 54).

Com efeito, no romance *Dois Irmãos*, Zana aparece como uma mulher que não se deixar dominar, subjugar nem tão pouco, como frisa Freire (2015), se deixa ser objeto apoderado e anulado.

O silêncio inscrito, na obra aludida, enquanto instrumento de linguagem provocativa dos paradigmas da fala usual, inverte papéis sociais tradicionalmente criados em torno das relações de gêneros. É que a narrativa traz a representação de uma mulher que foge aos paradigmas da mulher padrão na sociedade patriarcal. No romance, a personagem feminina não silencia, antes faz silenciar o marido, obrigando-o ao silenciamento, como se o apagamento de sua voz representasse a anulação de sua existência, já que ele na narrativa aparece destituído de poder, o que parece fruto de imposições e determinações, bem como demonstra como o exercício da fala está ligado ao exercício de apoderamento (FREIRE, 2015, p. 8).

Sob este ponto de vista, a Zana da obra *Dois Irmãos* impõe seu poder sobre o marido, exercendo o papel de dominador, contrariando o modelo instituído, invertendo os papéis sociais.

A família de “Dois Irmãos” é conduzida e organizada apenas pelos desígnios da matriarca Zana que, à semelhança de um diretor de peça teatral, determina de acordo com suas próprias necessidades as regras, comportamentos e os papéis que cada um dos membros deve assumir dentro do grupo, instalando um completo regime de matriarcado (MORAES, 2012, p. 37).

Nessa linha de pensamento Santos e Macieira (2013) cita que a libanesa Zana, coloca em cheque a representação da mulher oriental produzida pela civilização ocidental, ou seja, ao contrário da ideia de submissão que se formou em torno dessa mulheres, Zana surge como uma mulher à frente de sua vida, e com domínio sobre os acontecimentos de sua família.

Na chegada de Yaqub, que retornavam do Líbano, voltando do Rio de Janeiro para Manaus na companhia de Halim,

Zana os esperava no aeroporto desde o começo da tarde [...] Quando viu o bimotor prateado aproximar-se da cabeceira da pista, desceu correndo, atravessou a sala de desembarque, subornou um funcionário, caminhou altiva até o avião, subiu a escada e irrompeu na cabine (HATOUM, 2000, p. 15).

Diante da expulsão do filho Omar do colégio, Zana e Halim foram convocados pelo diretor. “Só ela foi, ela e Domingas [...] Soltou cobras e lagartos nas ventas do irmão do diretor [...] Ela suava, entregue ao êxtase de grande mãe protetora” (HATOUM, 2000, p. 34).

Foi Zana também que tomou a decisão de casar com Halim.

As cristãs maronitas de Manaus, velhas e moças, não aceitavam a ideia de ver Zana casar-se com um muçulmano [...] encomendavam novenas para que ela não se casasse com Halim. Diziam a Deus e o mundo fuxicos assim: que ele era um mascateiro, um teque-teque qualquer, um rude, um maometano das montanhas do sul do Líbano que se vestia como um pé-rapado e matraqueava nas ruas e praças de Manaus [...] Zana não escutava vaías nem conselhos: escutava sua própria voz [...] Assim [...] foi falar com o pai. Já havia decidido casar-se com Halim (HATOUM, 2000, p. 52/53).

Coube-se ainda a decisão de colocar filhos no mundo, porque Halim abominava a ideia de tê-los, pois tinha medo que Zana se desapegasse dele com a chegada dos filhos.

Repetiu isso várias vezes, irritado [...] Podiam viver sem chateação, sem preocupação, porque um casal enamorado, sem filhos, pode resistir à penúria e a todas as adversidades. No entanto, teve de ceder ao silêncio da esposa e ao tom imperativo da frase posterior ao silêncio. Ela sabia insistir, sem estardalhaço [...] Halim [...] deixou-se levar pelas noites de amor em que não faltavam frases dóceis e que sempre terminavam com a felicidade promissora de povoar o casarão de filhos. Yaqub e Omar nasceram dois anos depois (HATOUM, 2000, p. 66).

As decisões sobre o futuro da família, portanto, passavam pelo julgamento de Zana, a matriarca de presença forte e contagiante, que sabia estabelecer um lugar claro e privilegiado de poder no ambiente doméstico, uma posição de certa forma antagônica por ser uma mulher vivendo na primeira metade do século XX e descendente de libaneses, mas que por outro lado não conseguia conter o amor desgovernando pelo filho caçula Omar e exagerava no controle que tentava impor à vida da filha Rânia, que se destaca no romance pelo excesso de apego aos irmãos (SANTOS e MACIEIRA, 2013).

Zana orgulhava-se do filho doutor, mas na conversa com as vizinhas venerava Omar. Punha os gêmeos numa gangorra e fazia loas ao Caçula [...] Às vezes, quando o filho se penteava diante do espelho da sala, mãe se aproximava dele [...] nesse momento dava um jeito de enfiar um maço de cédulas no bolso da calça (HATOUM, 2000, p. 127/133).

Mas, enquanto Zana é apresentada como uma mulher forte, impetuosa e decidida, Domingas, aparece na trama como a sua sombra servil.

A presença de Domingas no romance é um contra ponto à soberania discursiva de Zana, com ela o autor revela o contraste entre poder e submissão. A alteridade se sobressai justamente porque Zana e Domingas se localizam em

opostos sociais, assim quando uma reconhece a outra e o lugar que esta outra ocupa, faz-se o jogo concreto da alteridade (SANTOS e MACIEIRA, 2013, p. 178).

Nas ponderações de Bento (2011, p.120):

Domingas é responsável pela manutenção da ordem na casa em que trabalha. A personagem vai para casa dos descendentes de libaneses para receber a cultura – aprender a se pentear, vestir-se, cuidar da casa e das crianças – e, paradoxalmente, representará, numa economia de desregramentos, a ordem e deterá a coautoria da narrativa; Nael tem nela uma fonte da história narrada, ainda que o texto a mostre como de poucas palavras. Domingas inscreverá a ordem na casa – a limpeza, o arrumar – e será também o equilíbrio entre os excessos de Zana, tendendo para o Caçula, e as exigências do outro filho; será o equilíbrio, perverso, entre os apetites sexuais no interior da casa.

Domingas era uma indígena retirada da floresta direto para um orfanato de freira e de lá resgatada, já batizada e alfabetizada, para integra-se à família libanesa.

Não se esquecia da manhã que partiu para o orfanato de Manaus, acompanhada de uma freira das missões de Santa Isabel do Rio Negro. As noites que ela dormiu no orfanato, as orações que tinha de decorar [...] Uns dois anos ali, aprendendo a ler e a escrever, rezando de manhãzinha e ao anoitecer, limpando banheiros e o refeitório [...] Nunca mais ia ver o irmão, nunca mais pôde voltar para Jurubaxi (HATOUM, 2000, p. 76).

A questão envolvendo o deslocamento de populações indígenas para Manaus, sobretudo o internato de algumas mulheres nativas é analisada por Maximiano e Almeida (2011, p. 193) e estes afirmam que especificamente com relação ao internado, este gerou o distanciamento e/ou a ruptura dos vínculos culturais dessa população, provocando uma descontinuidade no processo de reprodução social, inviabilizando o retorno desses agentes sociais para seus lugares de origem, porque o contato com a sociedade 'não índia' coloca nas comunidades indígenas novas necessidades criadas a partir desse contato. "Eles criam alternativas para construir e viver sua identidade étnica num contexto social

considerado estranho e hostil, estigmatizante e dominador, levando-os a uma situação de fronteira étnica”, ressaltam as autoras.

No caso da índia Domingas ela chegou mirrada e com a cabeça cheia de piolho e rezas cristãs. Nas lembranças de Halim (HATOUM, 2000, p. 64):

Andava descalça e tomava a benção da gente. Parecia uma menina de boas maneiras e bom humor: nem melancólica, nem apresentada. Durante um tempinho, ela nos deu um trabalho danado, mas Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras aqui em Manaus.

Embora estivesse naquela família o mesmo papel que tinha no orfanato, que era o de servir, na casa de Halim e Zana Domingas conseguiu um pouco de expressão e de liberdade, como o de rezar com a patroa, de falar o que quisesse e até mesmo de discordar, além de ter um cantinho só para si. “Um pequeno milagre, desses que servem para a família e as gerações vindouras [...] Domingas serviu; e só não serviu mais porque a vi morrer mirrada como no dia que chegou a casa e, quem sabe, ao mundo” (HATOUM, 2000, p. 65).

As condições de Domingas remetem também às reflexões feitas por Barbosa (2007, p. 94) que, ao discorrer sobre a história social da mulher na Amazônia, cita como as mulheres das diversas culturas e etnias no passado acalentavam o sonho das filhas seguirem rumos diferentes dos seus próprios destinos de mulheres negadas, ignoradas, e não perdiam a oportunidade de cedo mandá-las para morar com alguém importante na cidade grande. “Na doce ilusão de que seriam tratadas como as filhas do patrão [...] as jovens interioranas passam por outro aprendizado quando têm de fazer uma ruptura com o passado, principalmente no que tange ao seu novo “lugar” social”, sintetiza o autor.

Revelando resultado de um estudo que fez junto às mulheres de Manaus que tiveram experiência como empregada doméstica, Barbosa (2007, p. 94) comenta:

Não nos causou surpresa, saber que quase sempre essa relação social foi de dominação-subdominação. Uma relação um tanto paradoxal, pois torna muito próximos patrões e empregadas de condição social muito desigual, caracterizando-se por isso, politicamente, como uma relação injusta e intrinsecamente violenta. A violência implícita nessa relação ordinariamente mantida sob controle, por mecanismos de dominação e cooptação, características da ordem autoritária que permeia as relações familiares.

Domingas, a empregada índia é retratada pelo filho Nael, como uma pessoa submissa, que passou a vida inteira servindo aos outros.

Toda a fibra e o ímpeto da minha mãe tinha servido outros [...] “louca para ser livre” como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade (HATOUM, 2000, p. 67/244).

Além da postura servil, Domingas é atormentada por segredos, um dos quais só vai ser revelado um pouco antes de sua morte, quando diz ao filho que tinha sido estuprada por Omar, por quem nutria um desejo, uma ânsia que sabia esconder, apesar de acalentar encanto por Yaqub.

Ela me deixava na dúvida, me desnorreava quando lamentava a ausência do caçula. Ah, a falta que lhe fazia o corpo do galã desmaiado na rede! O suor ralo dos drinques e coquetéis, e o suadouro espesso, com seu cheiro mareante de bebida forte e amarga, nhaca de pelame de jaguar. As mãos dela enxugando-lhe o rosto, o pescoço, o peito cabeludo. Ele quase nu, esparramado na rede vermelha (HATOUM, 2000, p. 147).

A dualidade da personagem Domingas empresta-lhe uma complexidade que se estenderá até o fim do romance quando, envelhecida, esmorece, torna-se cada vez mais apática e indiferente aos acontecimentos da casa, indiferente às orquídeas que antes cuidava com zelo e delicadeza; indiferente aos pássaros que contemplava

nas copas das árvores, indiferente ao livro com gravuras de animais e plantas que Halim lhe dera.

Mergulhada nesta reclusão, e em silêncios significativos como afirma Pinto (2010) Domingas permaneceu até o dia de sua morte.

Era quase meio-dia e minha mãe não estava na cozinha. Eu a encontrei enrolada na rede de Omar, que ela armara em seu quartinho [...] Vi os lábios dela ressequidos, o olho direito fechado, o outro coberto por uma mecha grisalha. Afastei a mecha, vi o outro olho fechado. Balancei a rede; minha mãe não se mexeu. Ela não dormia. Vi o corpo que oscilava lentamente. Comecei a chorar. Sentei no chão ao lado dela e fiquei ali, aturdido, sufocado [...] não morreu com o segredo que tanto me exasperava. Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula (HATOUM, 2000, p. 243).

A morte silenciosa e solitária de Domingas denuncia as condições de vida que levava sem nunca reivindicar nada para si. “Uma pessoa que não fez escolhas, que vivenciara em seu dia a dia a experiência da divisão social entre pobres e ricos, patroa e empregada”, sintetizam Silva e Laguardia (2011, p. 138).

No romance *Dois Irmãos*, portanto, a relação de dominação-subordinação fica explícita entre Domingas e Zana, que egoisticamente mantinha laços de proximidade e de abertura com Domingas, porque suas determinações e suas vontades deveriam ser priorizadas, e sua voz ouvida sempre, mantendo, portanto, a empregada índia sob seu completo domínio, juntamente com o filho.

Dominga abanava o corpo da patroa [...] Domingas, sua escrava fiel [...] sem me olhar, sem se importar com a minha presença. Na verdade, para Zana eu só existia com rastro os filhos dela [...] Ela aproveitava a ausência de Halim e inventava tarefas pesadas, me fazia trabalhar em dobro, eu mal tenha tempo de ficar com minha mãe [...] Então eu fiquei com ela, suporrei a nossa sina (HATOUM, 2000, p. 35 e 90).

Vê-se, então que as marcas da desigualdade social e da diversidade cultural presentes nas personagens hatounianas corroboram de forma significativa com a questão sociocultural e relacional da mulher imigrante e da nativa no espaço

amazônico, motivando diversos conflitos e abrindo possibilidades para os conceitos de classe e etnia, que caracterizam a atuação do poder na configuração identitária dessas mulheres (SILVA e LAGUARDIA, 2011).

Outra figura feminina presente na obra *Dois Irmãos* é Rânia, a filha mais nova de Halim e Zana, mulher bonita e sedutora, quase mais bela que a mãe, que recusava todos os pretendentes, e que vivia enclausurada, aderindo à solidão noturna do quarto fechado, “Os vizinhos a olhavam sem entender por que aquela mulher teimava em dormir sozinha numa cama estreita” (HATOUM, 2000, p. 95).

Embora fosse livre para frequentar os bailes, as festas carnavalescas, evitava tudo isso. Preferia as fortes emoções do amor platônico e incestuoso que nutria pelos irmãos gêmeos, especialmente por Omar.

Os vasos da sala amanheciam com flores e bilhetinhos amorosos do Caçula, flores e palavras que despertavam em Rânia uma paixão nunca vivida [...] Via no gesto nobre do irmão o fantasma de um noivo sonhado. Ela o abraçava e beijava, mas afogos em fantasmas são passageiros, e Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cnicamente para a irmã (HATOUM, 2000, p. 93).

Mas, foi Rânia, a arredia, bela, admirada e desejada por rapazes imberbes e homens grisalhos, que mostrou interesse pelos negócios da família, revelando a Halim que tinha herdado o seu talento para o comércio.

O que ele esperava de Omar, veio de Rânia, e da expectativa invertida nasceu uma águia nos negócios. Em pouco tempo Rânia começou a vender, comprar e trocar mercadorias. Conheceu os regatões mais poderosos e, sem sair de Manaus, sem mesmo sair da rua dos Barés, soube quem vendia roupa aos povoados mais distantes. Fez acordo com esses regatões, que no início a desprezaram (HATOUM, 2000, p. 95).

Embora Rânia surja no romance como personagem secundária, emana dela grande poder de sedução, determinação e habilidades incomuns ao gênero feminino.

Nas reminiscências de Nael (HATOUM, 2000, p. 96):

Ela só usava aquelas mãos morenas de dedos longos e perfeitos para trocar uma lâmpada, conserta uma torneira ou desentupir um ralo. Ou para fazer contas e contar dinheiro [...] Eu sentia o cheiro de Rânia antes de escutar seus passos no corredor [...] Deixava-se admirar no alto da escada; depois, com movimentos meticulosos, descia, e aos poucos iam surgindo as penas bem torneadas, os braços roliços nus, o cabelo ondulado [...] o decote do vestido que ampliava sua respiração.

De certa forma, as figuras femininas presentes na obra *Dois Irmãos* de Hatoum, surgem distantes da cultura patriarcal que o Brasil herdou dos colonizadores, pois são determinantes em seus posicionamentos e agem por livre arbítrio, como é o caso de Zana e Rânia, a exceção de Domingas, que caminha em descompasso com as outras personagens, em condição de mestiça agregada, que não tem muita voz no romance, mas que, ainda assim, cita Cristo (2007, p. 331) “é detentora de uma memória à qual só Nael, o narrador, tem acesso”.

Souza (2005, p. 19) analisando a mulher como personagem na literatura brasileira, menciona que muitas vezes os autores utilizam personagens femininas para que seu pensamento soe na voz dessas personagens. Muito das falas e das características das personagens, explica a autora, carrega um discurso ideológico e social baseado em fatos e acontecimentos da vida real. “Por meio da personagem, cujo referencial é o ser humano, o autor desenvolve os temas plasmados no mundo que o cerca”.

Sobre isso afirma Hatoum (BRASIL, 2009, p. 161):

Na minha vida as mulheres têm um papel central. Mãe, tias, avó, as amigas de minha mãe que frequentavam a casa da infância, todas exerciam um fascínio em mim. Sempre me interessei por personagens femininas, em muitos casos mais sutis que os masculinos. É o fascínio da incompreensão, da dificuldade de entender esse universo. Sei mais ou menos o que espero de um personagem masculino, mas quando se trata de uma mulher, é quase sempre uma travessia de um abismo. Por isso me entreguei com ardor na construção dessas personagens.

Com relação aos personagens masculinos, estes surgem visivelmente dependentes do clã feminino na obra *Dois Irmãos*, no sentido de mostrarem-se mais fragilizados, a começar com Halim, totalmente carente da atenção e do amor de Zana. Em seguida vêm os gêmeos, Omar, que cercado desde sempre dos mimos da mãe depende dela financeiramente, e Yaqub, frustrado pela preferência que a mãe demonstra pelo irmão Caçula.

Todavia, as mulheres na narrativa encontram-se em meio ao redemoinho dos conflitos entre os personagens masculinos Omar e Yaqub e são por eles profundamente afetadas. Omar, por quem Zana nutre um amor filial desmesurado é ousado, corajoso, porém boêmio, mulherengo, sem talento e sem limites e que gosta de aproveitar todos os prazeres do mundo, indo do Ideal Clube aos patamares obscuros da cidade de Manaus.

De outro lado encontra-se Yaqub, sério, enigmático, inteligente, esforçado nos estudos, comedido, tímido e galanteador, que se sente preterido pela mãe, que muda-se para São Paulo, numa tentativa de livrar-se da família, muito especialmente do irmão a quem sentia-se preso por laços de ódio.

Omar é o selvagem que habita a rede da varanda e vive o conforto da casa, que se comunica por grunhidos com as mulheres da família. Yaqub é a imagem do sucesso, é o galã fardado, o engenheiro inteligente e promissor que vive na cidade grande (SOUZA, 2015, p. 5).

Desta vivência envolta em ambiguidade, desta distinção de personalidade, destes traços opostos, enfim como afirma Souza (2015, p. 5) desta teia de imagens formada pelos gêmeos, é que surgem os conflitos que marcam as relações familiares do livro *Dois Irmãos*, do começo ao fim da narrativa.

A partir de um maniqueísmo extremo, como frisa o autor citado, o conflito dos gêmeos constrói-se no discurso de Nael. “Ninguém havia conseguido apaziguá-los, nem Halim, nem as orações, nem mesmo Deus (HATOUM, 2000, p. 228).

Yaqub sente-se, desde a infância, ofuscado e incomodado pela índole impetuosa do Caçula.

Fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva de si próprio e do outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço [...] sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos [...] Queria brigar como ele [...] queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecida pela sol da tarde (HATOUM, 2000, p. 18).

Na história das relações familiares estão sempre presente os sintomas da hostilidade, da agressão, da inveja, do ciúme e da insensatez, que se desdobram em conflitos familiares, muitas vezes gerando até tragédias.

Sendo ao longo dos tempos exploradas por romancistas e sociólogos, essas práticas cotidianas, banalizadas pela frequência com que ocorrem afirma Araújo Filho (2008), algumas vezes costumam ser negadas pelo discurso social, que sustenta a unidade familiar por meio da solidariedade e da amizade, ocorrendo o mesmo com a literatura, que em certas ocasiões costuma dramatizar as contradições familiares de forma pouco espessa, como que querendo fugir da discussão, embora muitas obras tenham tratado a temática de forma profunda como o romance *Esaú e Jacó* de Machado de Assis, cujo título foi inspirado na história bíblica de Rebeca que ao mostrar preferência pelo filho Jacó em detrimento de Esaú, o outro filho, acaba contribuindo para que se tornem inimigos irreconciliáveis.

Tal qual a obra *Dois Irmãos*, os gêmeos Pedro e Paulo do romance de Machado de Assis, possuem temperamentos diferentes e rivais em tudo. Enquanto Pedro se mostra dissimulado e conservador, Paulo apresenta temperamento

impulsivo, cativante, sedutor. O conflito constante entre os dois só cessa com a morte da mãe, Anatividade, atendendo a seu último pedido e por quem nutrem ambos, um amor extremado. Mas é uma paz de pouca duração, logo os irmãos começam a se agredir e terminam a história como sempre foram: inimigos.

Situação semelhante ocorre com os personagens Omar e Yaqub do romance *Dois Irmãos*, entre os quais as relações constantemente efervescentes desde a infância, os levam a protagonizarem situações de violência, de discórdias e de vingança, como aquela em que enciumado com as atitudes polidas e apaixonadas de Yaqub e Livia, na sessão de cinema ambulante, que era promovida nos últimos sábados de cada mês na casa dos Reinosos, Omar agride violentamente o irmão.

[...] o barulho das cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub [...] O Caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão (HATOUM, 2000, p. 28).

Sob o impacto da hostilidade que os acompanhou na vida adulta, anos depois a mesma cena de violência entre os irmãos se repete, desta vez porque Yaqub ignorou o pedido de Zana de ambos trabalharem junto em um negócio que tinha como investidor um amigo indiano do Caçula.

Eu o avistei: mais alto que a cerca, o corpo crescendo, se agigantando, a mão direita fechada que nem martelo, o olhar alucinado no rosto irado. Arfava, apressando o passo. Quando gritei, Omar deu um salto, ergueu a rede e começou a socar Yaqub, no rosto, nas costas, no corpo todo [...] Ele chutava e esmurrava o irmão, xingando-o de traidor, de covarde [...] Ainda o vi correr até a sala e rasgar com fúria as folhas do projeto: rasgou todos os desenhos, jogou a louça no assoalho e desabalou pelo corredor (HATOUM, 2000, p.233/234).

A relação entre Omar e Yaqub vai assim se degradando no enredo, até um final trágico para o Caçula, cuja vida foi arruinada pela vingança do irmão. Segundo

Arruda Filho (2008, p. 85), em meio a essas ruínas emocionais, a existência da fraternidade familiar fica prejudicada, uma vez que raramente os seus integrantes recorrem à negociação política para gerenciar os conflitos.

Usualmente, justifica o autor, os integrantes preferem a agressão, confiantes no conceito primitivo de que quem ataca primeiro se defende melhor. “Infelizmente esse tipo de golpe tático, inspirado no egoísmo, não permite arrependimento ou pedidos de desculpas”, assinala, acrescentando ainda que o despotismo entra em cena com os anseios libertários de quem se encontra em posição subalterna.

O conflito entre os irmãos gêmeos do romance *Dois Irmãos* acabou contribuindo para a falência da própria família, por conta do enfraquecimento dos laços nas relações afetiva. Yaqub, que sempre se sentiu em posição subalterna,

esperou a mãe morrer. Então, com truz de pantera, atacou. A fuga foi pior para Omar. Agora ele não tentava escapar às garras da mãe, mas ao cerco de um oficial de justiça. Pulava de jirau em jirau, pernoitando em diferentes abrigos, tetos de amigos de farra. Sabia que ia chover fogo, sabia-se emparedado (HATOUM, 2000, p. 258)

A morte de Zana, portanto, acaba soterrando toda a possibilidade de união e reconciliação dos gêmeos. A casa dos imigrantes é vendida, demolida. Os azulejos com imagem de santo padroeiro são arrancados. Tudo que lembrava Portugal passou a lembrar Miami e Panamá (GUERRA, 2007).

Sumarizando, os desencontros e desentendimentos entre os integrantes do universo familiar não se permitem serem omitidos e/ou negados. Nas ponderações de Arruda Filho (2008) o conflito entre o indivíduo e o Outro está aquém da divergência de linguagem ou de objetivos.

Nos comentários do autor:

Na literatura [...] o tema é abordado inúmeras vezes, destacando algumas particularidades fraternas: a rivalidade, o egoísmo, a inveja, a disputa pela progenitura, a figura paterna. Seja por instinto de sobrevivência, seja por consciência de que o conflito inevitavelmente será deflagrado, todos os membros de uma família estão preparados [...] para os perigos que existem por trás das portas fechadas – perigos que, no transcorrer dos dias, resultantes da maturação de alguma combinação alquímica imprevista (talvez o fermentar silencioso do ódio) se transformam em venenos sibilinos que, de forma vagarosa e inexorável, vão corroendo corpos e mentes até que o projeto de harmonia familiar – que deveria contribuir para alguma forma de unificação humana – se transforma em apenas uma lembrança embaçada (ARRUDA FILHO, 2008, p.12).

Pode-se perceber, portanto, que os conflitos familiares são temas contumazes na literatura, seja de forma minimizada ou ampliada e são também discurso constante dos estudos sociológicos, posto que o conflito, sendo algo inerente às relações sociais, pode possibilitar momentos de construções e destruições, quer sob as instituições estruturas, quer sob os arranjos, processos e interações sociais. Deste modo, os conflitos sociais são considerados como socialmente importantes, uma vez que são prevalentes nas interações de convivência social (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005; MAIA, 2015).

Simmel (1977), que entende o conflito como a substância existente nas mais diversas relações entre os indivíduos na sociedade, considera que os conflitos têm algumas vantagens, quais sejam: a) o conflito cria um patamar, um tablado social, à semelhança de um palco teatral, onde as partes podem encontrar-se em um plano situacional único, uma condição necessária para que as partes, algumas vezes ásperas e díspares possam vivenciar igualmente a trama que o conflito encerra; b) o conflito supera os hiatos e os limites socialmente estabelecidos ou mesmo as desigualdades sociais produzidas e estruturadas pelos resultados dos entrelaçamentos ocorridos na sociedade.

Fazendo-se uma analogia entre o discurso de Simmel (1977) e a obra *Dois Irmãos*, pode perceber que a rede de conflitos alimentada pela rivalidade entre os gêmeos Omar e Yakub promove a quebra de diferenças sociais quando Domingas, a índia empregada e seu filho Nael acabam sendo partícipes dos dramas cotidiano da família libanesa.

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub [...] Ela vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela (HATOUM, 2000, p. 25).

Domingas andava preocupada com Yaqub, esperava notícias dele [...] A imagem do rosto desfigurado a transtornava. Mas ela parecia sofrer com o desamparo de Omar. Encostada no tronco da seringueira em que o Caçula havia trepado, dizia: “Os dois nasceram perdidos” (HATOUM, 2000, p. 236).

Em suma, como cita Guerra (2007), o mundo trágico é o mundo das contradições, dos conflitos jamais eliminados, da força das oposições, de tensões entre mito e o pensamento da cidade; de confronto entre o mundo divino e o universo de valores humanos; de passado e de tempo presente, há muito ressaltadas nos estudos literários.

O escritor adiciona na obra um local diferencial, semelhante ao lugar original, mas este é somente o espaço de onde o novelista parte a fim de metamorfoseá-lo do apuro com a linguagem, a história prescinde do ficcional [...] o relevante em *Dois Irmãos* é ressaltar o elo que o amarra à tragédia [...], isto é, o desequilíbrio entre o homem e o meio em um mundo cujas armadilhas quase sempre são construídas por opressivas mãos (GUERRA, 2007, p. 194).

Essas são as veredas pelas quais se delinea a narrativa *Dois Irmãos*, misturando mangueiras centenárias (que para Zana era tão vital quanto a Biblos de sua infância), com odores de Manaus, com seu sol escaldante e o rio próximo ladeado pelo labirinto de casas que compõem a Cidade Flutuante; cidade onde os personagens se embaralham, transformando cada espaço em local propício à

disseminação da ira, do incesto, da vingança, do desamor, da ruína (GUERRA, 2007)

Conhecer o caminho e alcançar a saída parece ser no romance a busca de cada herói, como Nael, filho bastardo, que vivência a angústia perene de não saber quem é seu pai; Halim, que transita pela zona portuária carregando o desencanto de ter perdido o amor de Zana para Omar, andarilho habilidoso no conhecimento dos becos, mas que ao longo da história vai se desintegrando à medida que percorre os atalhos da cidade; Yaqub, que sai para a Metrópole (São Paulo), mas leva consigo o peso do ressentimento e a mágoa da rejeição e Domingas, a mulher não completa (GUERRA, 2007).

De acordo com Silva (2010), de modo geral nas obras de Milton Hatoum a memória atua como fio condutor de uma persistente busca pelo passado familiar, que é sempre tratada como um ritual autofágico, no qual todos se devoram para no fim sobrar apenas à palavra, à memória inventada.

Como diz o próprio Hatoum (2008, p. 2):

Acredito que a literatura seja uma forma de conhecimento e uma maneira de sair do seu lugar. A literatura sempre fala do outro, de um outro exterior, mas também fala da complexidade do ser humano. Todo o conhecimento ou a verdade que a literatura busca, não tem a ver com uma verdade ontológica, filosófica ou epistemológica, é uma verdade que fala muito do que é o ser humano. Da experiência humana, que pode ser a experiência do autor, mas pode ser também, e é muitas vezes, a experiência do narrador. Fica difícil, às vezes, imaginar que o narrador seja diferente do autor, mas podem acreditar, não são as mesmas pessoas.

Sob esta visão, no contexto da literatura pode-se perceber a criação e/ou a recriação da realidade, inventada por meio de figuras, metáforas, símbolos, alegorias. Conforme observa Lukács (2002), o escritor inventa uma nova realidade a partir do mundo em que se encontra inserido, reproduzindo algo que aconteceu ou criando algo que poderia ter acontecido.

Deste modo, a literatura, no entendimento de Lukács (2002) é algo criado pelo homem, que jamais pretende ser uma realidade no mesmo sentido em que é real a realidade objetiva, porque sua representação é única e insuperável, feita por imagens sensíveis, onde o sujeito (o escritor) cria o objeto e representa, algumas vezes, destinos humanos concretos em situações particulares.

Afirmam Leonel e Segatto (2009), tal qual a Sociologia, a literatura consegue desvendar e iluminar aspectos muitas vezes velados da realidade. Ainda que ambas tenham linguagens distintas (uma científica e a outra estética) possuem função cognitiva fundamental.

Como muitos outros escritores, Milton Hatoum se relaciona imaginariamente com a realidade, inserindo em seu campo literário como frisa Miranda (2007, p. 310) a perspectiva do imigrante, abrindo-lhe espaço por meio da configuração de uma Amazônia oriental vista como fronteira extrema do imaginário brasileiro. “Estrangeiros, imigrantes e manauenses compartilham o mesmo espanto diante de um território enigmático na sua força sempre estranhar e familiar”, salienta o autor.

A cidade de Manaus [...] é a imagem emblemática desse espanto, tornado mítico na memória. As diferenças que impulsionam as projeções de identidade, individual ou coletiva, o narrador vai buscá-la “nas águas sem nenhum remanso” do passado, por meio de um ato de imersão laboriosa do tempo, até que “súbitas imagens” afluam ao presente e possam dar a medida desconsolada das ruínas do que se perdeu, mas persiste e pendura na linguagem (MIRANDA, 2007, p. 311).

Desta maneira desenha-se o espaço luminoso da ação literária de Milton Hatoum, que com sua prosa lapidada e sua paciência narrativa, tendo como matéria-prima a memória familiar, vai recuperando o movimento pelo qual as camadas do tempo vão se acumulando e ressurgindo nas reminiscências e nos traumas da lembrança pessoal, que se assemelham com os recantos as veredas de Manaus, cidade natal do escritor, para onde confluem os enredos de seus romances,

desenhando de maneira bela e profunda, com personagens repletos de complexidades que surpreendem (MIRANDA, 2007; PINTO, 2007).

Seu estilo possui a elasticidade e o frescor que dão conta da história imaginada e criada com texto fluente, de parágrafos curtos e pontilhados de dramas sociais – frustrações, autodestruições, vinganças, desforra, prisões e mortes se sucedem nas páginas de suas narrativas. Por isso os personagens de Hatoum são tão marcantes e ficam na memória por muito tempo (PIZA, 2007).

Nas premissas de Furtado (2007) é difícil não vê nos gêmeos Omar e Yaqub, a cabeça calculista e o corpo inconsequente de um Brasil fragmentado e para sempre incompleto; é impossível não reconhecer na irmã Rânia um aviso do que acontece àqueles que ou são incapazes ou resistem a quebrar o círculo familiar que os sufoca, e é impossível não reconhecer o narrador, filho da empregado índia, como a incorporação de uma Amazônia que procura afirmar sua independência.

No parecer de Ianni (1997, p. 52), há sutilezas e grandezas da vida social que aparecem na obra artística como uma vivacidade que as ciências sociais em geral apanham de foram ou não apanham, cabendo à literatura abrir horizontes da cultura da história em uma escala que a ciência apenas esboça “Ocorre que a literatura lida principalmente com o singular, o privado, o subjetivado, o sensível. Por isso torna vivida a vida que a ciência precisa buscar. Revela dimensões invisíveis, incógnitas”, assinala o autor, complementando que a obra de arte tem algum compromisso com a verdade, na medida em que inventa um mundo com alguma semelhança com o mundo real, no qual concentra-se o trabalho do cientista social cujo foco são situações e climas, personagens e dilemas, trabalhos e lutas, tensão e mistério.

À literatura, portanto, importa a inscrição por meio do texto, das representações do imaginário das relações sociais, um complexo de crenças, de

compartilhamento, que o escritor costuma empregar para retratar a realidade e para garantir-lhe uma certa originalidade (CÂNDIDO, 2002; HOLANDA, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo do século XX, Manaus vivia o apogeu da borracha, mas, em seguida sofre a sua derrocada, e isso lhe provoca um grande vazio. Um novo cenário se forma com a chegada de pessoas de outros países. Em meio aos estrangeiros que aportam na cidade está o jovem Halim, aprendiz de mascate que conhece e se apaixona por Zana, uma menina de quinze anos, que vive sob as asas do pai viúvo, outro imigrante chamado Galib, dono de um restaurante perto do porto.

O presente estudo teve como objetivo geral analisar as peculiaridades relevantes das relações sociais da família libanesa da obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, apontando aspectos significativos dos personagens, e de suas relações familiares.

Os achados bibliográficos mostram que a literatura mantém ligação bastante significativa com a sociedade, cabendo-lhe absorver e expressar determinado contexto social, evidenciando as variações e as mudanças que se processam no decorrer do tempo, em dada sociedade, em dado país e/ou nação.

Por conta disso, muitos pensadores deram contribuição importante para a ampliação do campo metodológico da sociologia da literatura, ao mostrar quanto possível é investigar as relações entre literatura e sociedade, uma vez que a literatura revela certas características dos grupos sociais com suas visões de mundo, suas vivências históricas, que são elementos que interessam a Sociologia.

Inserem-se neste contexto, as obras de Milton Hatoum, um escritor nascido em Manaus, considerado um expoente da literatura contemporânea brasileira, que com galhardia vem sobressaindo-se em um universo de escritores que ao longo dos tempos tentam compreender e interpretar os modos de vida da Amazônia, descrita

por muitos como ampla, opulenta, com a vida se resumindo em um permanente banho de vapor.

As obras de Hatoum destacam-se o lugar social da literatura, o espaço sociocultural e revelam-se como uma teia de relações fabricadas em comum por índios, nativos e imigrantes, que se agregam em um jogo complexo envolvendo rejeição e choque, mas também assimilação.

É o que se percebe na obra *Dois Irmãos*, onde há todo um aproveitamento da complexa rede multicultural amazônica. Nesta obra Milton Hatoum focaliza a vida dos imigrantes que vieram para Manaus, uma cidade antes com perfil arquitetônico europeu, rica, progressista e alegre, de ruas retas e largas, calçadas com granito importado, que com a falência do ciclo da borracha, se transforma em cidade acanhada, dolorosamente melancólica, reduzida a um modesto aglomerado urbano de pouco mais de 100 mil habitantes, transitando entre a solidão dos abandonados e as raras manifestações da caridade nacional, local; onde os moços não tinham horizontes e os velhos olhavam para o passado com os olhos lacrimejantes.

É, pois, esta cidade, que Hatoum toma como pano de fundo para sua narrativa, contando a trajetória de uma família libanesa, com seus personagens que percorrem a senda histórica iniciada nos tempos difíceis da imigração dos sírios e libaneses, que não se detendo diante das diferenças culturais, transformam-se em mascates, carregando suas mercadorias nas costas, e pequenos comerciantes, espalhados pelas ruas próximas ao mercadão oferecendo renda, tapeçarias entre outras bugigangas.

Com base na literatura revisada, pode-se concluir que na obra *Dois Irmãos*, Hatoum traça um perfil da família libanesa, despindo-a de qualquer conceito preconcebido, com seus personagens emergindo como figuras singulares com seus

desassossegos e sob o peso do eterno conflito familiar envolvendo intrigas, inveja, ódio, vingança, disputas entre irmãos, temas tão amplamente explorados pela literatura de todos os tempos, com raízes na mitologia grega e na narrativa bíblica.

Em meio à trama que se desdobra em pedaços de memórias do narrador que ora revela o que viu, ora relata o que ouviu, o livro vai mostrando também fragmentos de Manaus que, sem a prosperidade do ciclo da borracha, oferece com gratidão seus espaços quase desabitados aos estrangeiros que por aqui chegam sem esquecer suas raízes e sem estranhar com alarde o habitante nativo que carrega tradições que desassemelham-se das suas.

Deste modo, como mostram os autores que tentam desvendar Hatoum, este em seus romances, traça os percursos históricos e sociais do emigrante, oferecendo, ao mesmo tempo, um convite para se lançar um olhar sobre a Amazônia, vivida, representada sempre, em registro de intensidade e em detalhes.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA JÚNIOR, José O. **Georg Simmel e o conflito social**. Caderno Pós Ciências Sociais, São Luís, v. 2, n. 3, janeiro/junho, de 2005.
- AFONSO, Lucyanne de Melo. Panorama da cidade de Manaus: crise, progresso e cultura na década de 1960. **Revista Somanlu**, ano 10, n. 2, julho/dezembro, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index>. Acesso em 12.06.2015.
- AMAZON VIEW. **Manaus: 332 anos de desenvolvimento**, ano IX, ed. 67, fevereiro/março de 2005, p. 39-41.
- ANTONACCIO, Gaitano. **A Colônia Árabe no Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1996.
- ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução à Sociologia Amazônica**. Manaus: Valer, 2003.
- ARAÚJO NETO, Miguel Leocádio. **A sociologia da literatura: origens e questionamentos**. Revista Entrelaces, Ano II, n. 1, Agosto de 2007, p. 15.
- ARRUDA FILHO, Raul José Matos de. **A invenção do inimigo: literatura e fraternidade**. Tese Doutorado em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-SC, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br>. Acesso em 20.09.2015.
- AZIZE, Elisabeth. **E Deus chorou sobre o rio**. Manaus: Valer, 2006.
- BARBOSA, Irecê. **Chão de fábrica – Ser Mulher Operária no Polo Industrial de Manaus**. Manaus: Valer, 2007.
- BARBOSA, Brandão Evandro. “Zona Franca de Manaus: política brasileira de **desenvolvimento socioeconômico regional**”. En Observatório de la Economía Latinoamericana, n. 184, 2013. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon>. Acesso em 15.06.2015.
- BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento**. 2. ed. Manaus: Valer, Dua e Inpa, 2007.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Entrevista com Milton Hatoum. **Revista Navegações**, v. 2, n. 2, p. 160-162, julho/dezembro, 2009. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br. Acesso em 03.11.2015.
- BENTO, Conceição Aparecida. Três personagens e o trabalho no início do século XXI. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.16, n.1, p.115-122, janeiro/junho, 2011. <http://www.ufjf.br/revistaiptesi/files/2012/0/pdf>. Acesso em 08.09.2015.
- BITAR, Eliana Freire. Amazônia – um relato de sua (des)construção sociocultural. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, Goiânia, v. 6, n.11, 2010 p. 2.

Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010c/amazonia.pdf>. Acesso em 20.07.2015.

BOLOGNIN, Augusto Ferreira. **Investigando as estruturas memorialísticas de Dois Irmãos, de Milton Hatoum, e de Nove Noites, de Bernardo Carvalho Renan**. Disponível em: <http://baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/anaispdf>. Acesso em 05.08.2015.

BORGES, Lucimar Antônia. **Religião e vocação para o comércio**: elementos para a constituição da identidade de imigrantes muçulmanos em Goiás. Dissertação, Mestrado em Sociologia. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2004. Disponível em: <https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/Lucimar.pdf>. Acesso em 02.08.2015.

BORGES, Kárita Aparecida de Paula. Manaus: **a aldeia universal de Milton Hatoum**. Anais do Silel, v.1, Uberlândia: Edefu, 2009.

BORGES, Kárita Aparecida de Paula. **Dois Irmãos de Milton Hatoum**: um olhar que vem do Norte. Dissertação Mestrado em Literatura. Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8268pdf>. Acesso em 20.05.2015.

BORSA, Juliane Callegaro; NUNES, Maria Lucia Tiellet. **Aspectos psicossociais da parentalidade**: O papel de homens e mulheres na família. Revista Psicol. Argum., Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 janeiro/março, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução Maria Lucia Machado, 1996.

_____. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, Robério. **Euclides da Cunha no Amazonas**. Manaus: Valer, 2002.

BRUSCHINI, Cristina. Uma abordagem sociológica de família. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. 6, n. 1, p.1-23, janeiro/junho, 1989. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br. Acesso em 02.08.2015.

_____. Teoria crítica da família. In.: AZEVEDO, Amélia; GUERRA, Viviane de (Org.) **Infância e violência doméstica**: fronteira do conhecimento. 4. ed. São Paulo : Cortez Editora, 2005, p. 49-79.

CÂNDIDO, Antônio Cândido de. **Literatura e Sociedade**. Grandes nomes do Pensamento Brasileiro. 8ª Ed. São Paulo: T. A. 2000.

CARNEIRO, Jéssica de Souza. O Instinto de Nacionalidade em Órfãos do Eldorado: Um olhar regionalista; **Revista Tucunduba**, v. 1, p. 46-53, 2010. Disponível em: www.revistaeletronica.ufpa.br. Acesso em 02.06.2015.

CASTAGNINO, Raúl H. **Análise Literária**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

CECCARELLO, Vera Helena. **A alegoria do dualismo brasileiro na obra “Dois irmãos” de Milton Hatoum**. Dissertação. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011 (a).

_____. O anagrama de Nael: paradoxos e memória presentes no narrador do romance ‘Dois Irmãos’ de Milton Hatoum. **Revista Baleia na Rede**, v. 1, nº 8, Ano VIII, dezembro/2011 (b). Disponível em: www2.marilia.unesp.br/revistas. Acesso em 05.08.2015.

CONRADO, Iris Selene. **O ser humano e a sociedade em Saramago: um estudo sociocultural das obras Ensaio sobre a cegueira e Ensaio sobre a lucidez**. Dissertação. Universidade Estadual de Maringá, 2006. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/isconrado.pdf>. Acesso em 13/12/2013.

COSTA, Manuel da In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007, p. 313-334.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007.

CORTINHAS, Maristela Sobral. **Exclusão educacional no Brasil**. CNPq, 2009. Disponível em: www.portalnepsul.com.br. Acesso em 06.08.2015.

COSTA, Selda Vale da. Por Rios Amazônicos: conversas epistolares com Nunes Pereira. In.: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (org.). **Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, p. 271-308.

COSTA, Mariete Pinheiro da. **O Parlamento e os Soldados da Borracha no limiar da 2ª Guerra Mundial**. Monografia Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo. Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor). Brasília, 2008. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/edupdf>. Acesso em 13.06.2015.

DANIEL, Isaura. **No novo livro de Hatoum, o avô Mamede**. Agência de Notícias Brasil-Árabe, abril de 2009. Entrevista. Disponível em: <http://www.anba.com.br>. Acesso em 05.08.2015.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. (Descobrimos o Brasil). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DICIONÁRIO DE LATIM ONLINE. **Significados de palavras e expressões em latim**. Disponível em: <http://www.dicionariodelatim.com.br/ipsis-litteris/>. Publicado em 2007. Acesso em 30.01.2015.

DIEGUES JÚNIOR, M. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DUARTE, Simone. “**O escritor não transcreve a vida, inventa a vida**” [entrevista]. Publicado em setembro de 2013. Disponível em www.publico.pt/brasil/jornal. Acesso em 30.10.2015.

EMMI, Marília Ferreira. **A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX ao início do século XX: o caso dos portugueses**. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG-Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro/pdf. Acesso em 22.10.2015.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Revista Ciência e Cultura**, v. 61, n. 3, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>. Acesso em 02.11.2015.

FREY, Luisa. **Milton Hatoum**: “A literatura exige uma entrega passional”. Entrevista em 14 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.dw.de/milton-hatoum-a-literatura>. Acesso em 26.05.2015.

FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 54, maio/agosto, 2005.

FREIRE, Camilla Araújo. **A mulher não silenciada**: uma leitura da representação da mulher no romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. XI Colóquio Nacional de Representações de Gênero e de Sexualidade, Campinas Grande=PB, de 03 a 05 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistaspdf>. Acesso em 08.09.2016.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Casa-Grande & senzala**. São Paulo: Global, 2006.

FURTADO, Candece Slater. Resenha *Dois Irmãos*. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007, p. 352-355.

GUERRA, Ana Amélia Andrade. O mito e o lugar em *Dois Irmãos*. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007, p. 192-206.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

IANNI, Otávio. **Sociologia e Literatura**. Campinas-SP: IFCH/Unicamp, 1997.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. "Não há literatura sem memória. **Revista Na Ponta do Lápis**, Ano IV, n. 8, p. 2-4, junho, 2008. Entrevista concedida a Luiz Henrique Gurgel.

HOLANDA, Lourival. A prosa sedutora de Hatoum. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007, p. 335-344.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Mulheres de véu preto**: letramento religioso das irmãs clarissas na América portuguesa. *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 60, p. 107-131, janeiro/junho, 2014.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**: Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAJOLO, Marisa, **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina de. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 4. ed. ampl. São Paulo : Atlas, 2001.

LEAL, Bruno Avelino. **Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual**. Dissertação Mestrado Em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2010. Disponível em: www.tede.ufam.edu.br/handle/. Acesso em 02.06.2015.

LEANDRO, Rafael Voigt. Alberto Rangel e seu projeto literário para a Amazônia. Dissertação. Mestrado em Literatura Brasileira. Universidade de Brasília, 2011.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do Imaginário*. Tradução Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEITÃO JÚNIOR, Artur Monteiro. « **As Imagens do Sertão na Literatura Nacional** ». Terra Brasilis, 2012. Disponível em: <http://terrabilis.revues.org/>. Acesso em 03.09.2015.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Sociologia e Literatura. *Revista Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n. 27, p.427-444, 2009.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LIMA, Ricardo. **Os Novos Rumos da Literatura Amazonense**. Publicado em abril de 2009. Disponível em: <http://paginasperdidas>. Acesso em 28.05.2015.

LUCENA, Célia Toledo. Memórias de Famílias migrantes: imagens do lugar de origem. In.: **Trabalhos da Memória**, São Paulo, n. 17, novembro, 1998, p. 397-413.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do Romance em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LOUREIRO, Antonio José. **A grande crise (1908-1916)**. Manaus: Edição do Autor, 1986.

MAIA, Dália Maria B. **Conflito e Família: Formas de sociabilidade no sertão cearense**. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos>. Acesso em 29.09.2015.

MACHADO, Selma Suely Lopes. *A Belle Époque Amazônica*. Revista Norte Ciência, v. 2, n. 1, p. 115-118, 2011. Disponível em: <http://aparaciencias.org/pdf>. acesso em 08.06.2015.

MATA, Anderson Luís Nunes da. **Como vai a família? As reconfigurações da instituição familiar no imaginário do romance brasileiro contemporâneo**. Publicado em fevereiro de 2009. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne>. Acesso em 30.10.2015.

MAXIMIANO, Claudina Azevedo; ALMEIDA, Alfredo Wagner de. Mulheres indígenas em Manaus: identidade étnica e organização como forma de construir comunidade. In.:TORRES, Iraídes Caldas; SANTOS, Fabiane dos Santos. **Intersecção de gênero na Amazônia**. Manaus: Edua, 2011, p.190-218.

MICELI, Sérgio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, abril, 2003.

_____. Poder, Sexo e Letras na República Velha: estudo clínico dos anatólios.: In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia da Letras, 2008.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MELLO, Thiago. **Manaus: amor e memória**. Rio de Janeiro: Philobinlion, 1984.

MESQUITA, Elaine Cristina. **A família “desmantelada”**: José Veríssimo e a família ribeirinha na Amazônia. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/pdf>. Acesso em 05.06.2015.

MIRANDA, Wander Melo. Dois Destinos. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007, p. 310-312.

MORAES FILHO, Evaristo. **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

MORAES, Vivianne Lima de. **Leitura psicanalítica de Dois Irmãos**: um estudo sobre a rivalidade fraternal. Mestrado em Letras. Universidade Federal do

Amazonas. Manaus, 2012. Disponível em: <http://www.ppgl.ufam.edu.br/pdf>. Acesso em 08.09.2015.

MOURAD, Therese. **Cultura árabe**. Gazeta de Beirute. Disponível em: <http://www.gazetadebeirute.com>. Acesso em: 04.08.2015.

NAMUR, Miriam. **Sincretismo cultural e imagens de mulher na literatura árabe-brasileira de Assis Fées e Jamil Almansur Haddad**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/sociologia/2009/5artigosincretismocultural.pdf. Acesso em

NOGUEIRA, Luciana Sarah Jacob. **Sucessão em empresas familiares: um estudo multicaso no Amazonas**. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: objdig.ufrj.br/60/teses.pdf. Acesso em 21.10.2015.

NORONHA, Marconde Carvalho de. **Geoespaço: lições de Geografia com base no espaço geográfico do Amazonas**. Manaus: Cecil Concorde, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. "Literatura e sociedade; teoria literária e análise sociológica" em Sônia Salomão Khé- de (org.) **Contrapontos da literatura**. Rio de Janeiro. Vozes, 1984.

OLIVEIRA, José Ademir de. As cidades amazônicas: a ilusão da busca. In.: **BOLETIM AMAZONENSE DE GEOGRAFIA**, V. 2, 1995, p. 23-41.

OLIVEIRA, José Aldemir de; LIMA, Marcos Castro. A geografia da circulação: o bonde como vetor da expansão de Manaus. In.: **GEOGRAFIA: REVISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**, v. n. 1/2,. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 1999, p. 73-95.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003

OLIVEIRA, Susana Kramer de Mesquita. **Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático**. Tese Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/pdf>. Acesso em 03.08.2015.

OLIVEIRA, Wesley Pereira de; TRINDADE, José Raimundo Barreto; MACHADO, Nathalia Menezes. Borracha, nordestino e floresta: a economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos. **Cadernos Cepec** v. 1 n. 1, fevereiro de 2012.

OLIVEIRA, Maria Rita Berto de. **Uma análise do espaço romanescos em Dois Irmãos de Milton Hatoum**. Dissertação. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2013. Disponível em: http://www.mestradoemletras.unir.br/menu_arquivpdf. Acesso em: 22/12/2013.

PENALVA, Gilson; SCHNEIDER, Liane. Identidade e Hibridismo na Amazônia Brasileira: Um Estudo Comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.21, 2012.

PERES, Jefferson. **Evocação de Manaus – Como eu a vi ou sonhei**. Manaus: Valer, 2002.

PINTO, Renan Freitas; JACAÚNA, Tiago da Silva. **A Amazônia de Djalma Batista**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia 29 de maio a 1 de junho de 2007 UFPE, Recife (PE). Disponível em: www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option. Acesso em 22.07.2015.

PINTO, Daniel Muletaler. **O filho da casa em busca de si: uma leitura de Dois Irmãos**. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/101>. Acesso em 30.09.2015.

PINTO JR., Antonio Carlos Pimentel. Marcas da transculturação na obra “dois irmãos”, de Milton Hatoum. **Revista Travessias**, Cascavel-Paraná, v. 4. n. 2, 2010

PIZA, Daniel. Destinos Danados. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/Uninorte, 2007, p. 356-360.

QUEIROZ, Amilton; LIMA, Simone. **Simá: o (não) lugar da ficção amazônica na historiografia do romance brasileiro**. XI Congresso Internacional da Abralic Tessituras, Interações, Convergências, de 13 a 17 de julho de 2008, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>. Acesso em 30.10.2015.

REGO, Marildes Ferreira. **Memória da Imigração de Sírios e Libaneses em Rondonópolis-MT**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2006. Disponível em: <http://www.ppghis.com/dissertacao.pdf>. acesso em 11.10.2015.

REVISTA HISTÓRIA. **Milton Hatoum: “O Amazonas preservou a floresta e destruiu a cidade”**, maio de 2009. Entrevista. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br>. Acesso em 04.08.2015.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Transformações socioeconômicas no Brasil da década de 50**. Unicamp, 2013. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia>. Acesso em 15.06.2015.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Editora 34, 2000.

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión em La historia de las ideas. **Prismas, Revista de História Intelectual**, n. 4, 2000, p. 149-191.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira; GARVÃO, Rodrigo Fraga. Economia e política na Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). **Revista Estudos Amazônicos**, v. IX, n. 1, p. 157-179, 2013.

SAMPAIO, Enderson de Souza; SILVEIRA, Ederson Luís. “Mal Traçadas Linhas para Deusilene” - uma leitura dos aspectos sociais na ficção de Arthur Engrácio. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim/MS, v.5, n.9, p. 203 – 220, janeiro/junho, 2014.

SANTANA, Miriam Ilza. **A História da Mulher na Filosofia**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/a-historia-da-mulher-na-filosofia>. Acesso em 08.09.2015.

SANTOS, Denis de Oliveira. Sociologia da Literatura. **Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar**, Maringá-Paraná, n. 14, jan./fev./mar. 2008. Disponível em: www.urutagua.uem.br/014/14santos_dennis.htm. Acesso em 12.12.2013.

SANTOS, Francisco dos. **História Geral da Amazônia**. Rio de Janeiro: Menvavmen, 2009.

SANTOS, Valdecir de Lima. **Nuanças do narrador em Dois Irmãos de Milton Hatoum**. Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura São Cristóvão/SE: Gelic/UFS, v. 4, 3 e 4 de maio de 2012. Disponível em: http://200.17.141.110/senalic/iv_senalic/textos_completos_ivsenalic/pdf. Acesso em 06.09.2015

SANTOS, Monica Maria dos; MACIEIRA, Maria do Socorro Beltrão. Alteridade e feminino no romance Dois Irmãos de Milton Hatoum. **Revista Fiar: Revista do Núcleo de Pesquisa e Extensão Ariquemes**, v.2 n. 1, p. 174-184, 2013. Disponível em: www.revistafiar.com.br/index.php/revistafiar/article/download/31/13. Acesso em 07.09.2015.

SANTOS, Fernanda Silva dos. **Geração de Excluídos**. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/geracao-excluidos.htm>. Acesso em 06.08.2015.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Valer, 2004.

SILVA, Joanna da. Panorama da produção literária de Milton Hatoum e de sua recepção, em homenagem aos vinte anos de Relato de um certo Oriente. **Revista Somanlu**, ano 10, n. 1, janeiro/junho, 2010 107-123.

_____. **Relações de gênero no romance de Milton Hatoum**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2011.

SILVA, Joanna da; LAGUARDIA, Adelaine. Mães zelosas, Cunhantãs resignadas, Amantes perigosas: representações da Mulher Amazônica no romance de Milton Hatoum. **Revista Somanlu**, ano 11, n. 1, janeiro/junho, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/viewFile/506/335>.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1977.

SOMBRA, Raimundo Nascimento. **Fundamentos de História e Geografia do Amazonas**. Manaus: Prisma, 1996.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, Paulo Fernando de. **Desenhos familiares**: pesquisa sobre a família de crianças e adolescentes em situação de rua. São Paulo: Fundação Bank Boston, 2000.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira**. Monografia [Especialização em Língua Portuguesa]. Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, Criciúma, 2005. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca>. Acesso 02.11.2015.

SOUZA, Lenilson Vidal de. **Uma leitura de Dois Irmãos**: o passado revivido trinta anos depois. Recanto das Letras, 2009. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2097674>. Acesso em 03.08.2015.

SOUZA, João Luiz de. O aposento feminino: mulher, Gênero e moda. In.: HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. **Vozes do Feminino** (Org.). Curitiba-PR: CRV, 2010, p. 115-137.

SOUZA, Leno José Barata. “Os flutuantes antes da “Cidade Flutuante”. **Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos**, v. 1, nº 1, Junho de 2011, p. 105-126.

SOUZA, Mariana Jantsch de. **Ambivalências do sujeito**: figurações do duplo em dois irmãos, de Milton Hatoum. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pdf>. Acesso em 09.09.2015.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. **Milton Hatoum**: itinerário para um certo relato. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

TORNAGHI, Pedro. **A Poesia Mística e Amorosa de Rumi**. Disponível em: http://pedrotornaghi.com.br/blogger/?page_id=595. Acesso em 04.08.2015.

TUPIASSÚ, Amarílis. **Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n. 53, janeiro/abril, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.ph>. Acesso em 25.05.2015.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Literatura como Espelho da Nação**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 239-263.

VERÍSSIMO, José. Estudos Amazônicos. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

VIEIRA, Noemi Campos Freitas. Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum. 2007. 154 f. Dissertação Mestrado em Letras. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/94156>. Acesso em 06.08.2015.

VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. **A presença árabe na literatura brasileira: Jorge Amado e Milton Hatoum.** Dissertação Mestrado em Literatura Brasileira. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2008. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/pdf>. Acesso em 04.08.2015.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.